

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEduc
Mestrado Profissional em Educação

ELIS REGINA DA SILVA CAETANO

**AS CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES A RESPEITO DA INCLUSÃO DOS
ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS: UMA
DISCUSSÃO EM GRUPO**

JAGUARÃO
2019

ELIS REGINA DA SILVA CAETANO

**AS CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES A RESPEITO DA INCLUSÃO DOS
ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS: UMA
DISCUSSÃO EM GRUPO**

Relatório Crítico – Reflexivo
apresentado ao Curso de Mestrado
Profissional em Educação da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do
Título de Mestra em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Bento Selau da
Silva Jr

**JAGUARÃO
2019**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

C128c Caetano, Elis Regina da Silva

As concepções dos professores a respeito da inclusão dos
alunos com necessidades educacionais especiais: uma discussão
em grupo / Elis Regina da Silva Caetano.

90 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Pampa,
MESTRADO EM EDUCAÇÃO, 2019.

"Orientação: Bento Selau da Silva Junior".

1. Atendimento educacional especializado. 2. Concepções dos
professores. 3. Defectologia de Vygotski. 4. Formação de
professores. I. Título.

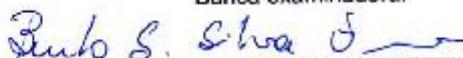
ELIS REGINA DA SILVA CAETANO

**AS CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES A RESPEITO DA INCLUSÃO DOS
ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS: UMA
DISCUSSÃO EM GRUPO**

Relatório Crítico- Reflexivo
apresentado ao Programa de Pós-
graduação em Educação, Curso
de Mestrado Profissional em
Educação da Universidade
Federal do Pampa, como requisito
parcial para obtenção do Título de
Mestra em Educação.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 10 de Julho de
2019.

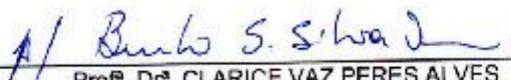
Banca examinadora:



Prof. Dr. BENTO SELAU DA SILVA JUNIOR
Unipampa – Jaguarão



Prof.ª. Dr.ª. PAULA BIANCHI
Unipampa- Jaguarão



Prof.ª. Dr.ª. CLARICE VAZ PERES ALVES
Faculdade Anhanguera – Pelotas

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus, por me permitir realizar mais essa conquista.

Ao meu esposo, Ronaldo Caetano e minhas filhas Franciélly e Clara por compreenderem o significado dos estudos para mim e consentir minhas ausências.

À minha mãe Hermínia (in memoriam), por me incentivar a buscar meus ideais e seguir meu caminho, pelas minhas escolhas.

Ao meu orientador Prof. Dr. Bento Selau, por me ensinar todos os conhecimentos necessários para a realização de meu projeto de intervenção, motivando-me e incentivando-me com orientações, tempo e contribuições, para a conclusão do mestrado em educação.

Às colegas professoras da APAE, Amanda, Márcia e Eliane, pelo apoio, incentivo e auxílio com meus alunos especiais, nos dias em que estive ausente de meu trabalho, na escola, para frequentar o mestrado. À diretora, professora Ainda, à vice-diretora Rosiméri e à secretária Kátia, que também me motivaram para seguir em frente.

Aos colegas de Mestrado pelo companheirismo e amizade durante este período de convivência, deixando como resultado uma bonita amizade que hoje levamos no coração.

À Mestranda Marlete Gomes pelo incentivo e companheirismo durante as situações enfrentadas no período de estudos.

À colega mestranda e também minha diretora na escola em pesquisa, professora Ivana Gonçalves Rebhran, pelo incentivo e entendimento das minhas ausências na escola, no momento de estudos do mestrado.

Em especial, às amigas, companheiras de todos os momentos, Claudete Botelho Ferreira e Karla Dufau, que incansavelmente trilharam juntas comigo este caminho do mestrado, levando-nos à conquista deste título.

Obrigada a todos que de uma forma ou de outra me acompanharam nesta conquista.

“[...] não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses fazeres se encontram um no corpo do outro. Ensino porque busco, porque indaguei, por que indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço [...]” (FREIRE, 1996, p. 32).

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo discutir as concepções dos professores a respeito da educação de alunos com necessidades educacionais especiais à luz dos textos da primeira fase da defectologia de Vygotski. Para embasar a discussão teórica, este Relatório Crítico-Reflexivo foi organizado da seguinte maneira: um primeiro capítulo que apresenta a justificativa para a realização da investigação, o contexto da intervenção e os sujeitos da pesquisa, bem como os procedimentos metodológicos; um segundo, que descreve a formação de professores, o professor como pessoa, a legislação e a formação, assim como a formação pedagógica por meio dos estudos de Vygotski; um terceiro, que descreve a defectologia de Vygotski: alguns estudos da sua primeira fase de investigações; um quarto capítulo, que estabelece as concepções da educação de alunos com Necessidades Educacionais Especiais. A metodologia utilizada foi à intervenção pedagógica. Como plano de ação, foram implementados dez encontros para dialogar sobre as situações cotidianas da escola, problematizadas por meio dos estudos da defectologia de Vygotski, com a prática da reunião-lanche. Os sujeitos que participaram da pesquisa foram treze professores, a Diretora, dois Coordenadores Pedagógicos, uma Orientadora Educacional e nove professores dos anos iniciais. Os instrumentos de coleta de dados foram as observações, as narrativas e os questionários. O procedimento de análise utilizado foi análise textual discursiva, proposta por Moraes (2003), com um ciclo de análise configurado em três etapas, a unitarização, a categorização e a comunicação. A formação de professores, que utilizou os textos de Vygotski auxiliou nas reflexões das práticas educativas, através da tomada de consciência, com mudanças de postura.

Palavras chave: Atendimento Educacional Especializado (AEE); Concepções dos professores; Defectologia de Vygotski; Formação de professores.

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo discutir las concepciones de los maestros sobre la educación de los estudiantes con necesidades educativas especiales a la luz de los textos de la primera fase de la defectología de Vygotski. Para apoyar la discusión teórica, este Informe Crítico-Reflexivo se organizó de la siguiente manera: un primer capítulo que presenta la justificación de la investigación, el contexto de intervención y los sujetos de investigación, así como los procedimientos metodológicos; un segundo, que describe la formación del profesorado, el profesor como persona, la legislación y la formación, así como la formación pedagógica a través de los estudios de Vygotski; un tercero, que describe la defectología de Vygotski: algunos estudios de su primera fase de investigaciones; Un cuarto capítulo expone las concepciones de la educación de los estudiantes con necesidades educativas especiales. La metodología utilizada fue la intervención pedagógica. Como plan de acción, se implementaron diez reuniones para discutir las situaciones diarias de la escuela, problematizadas a través de los estudios de la defectología de Vygotski, con la práctica de la reunión de bocadillos. Los sujetos que participaron en la investigación fueron trece maestros, el director, dos coordinadores pedagógicos, un asesor educativo y nueve maestros de los primeros años. Los instrumentos de recolección de datos fueron las observaciones, las narrativas y los cuestionarios. El procedimiento de análisis utilizado fue el análisis textual discursivo, propuesto por Moraes (2003), con un ciclo de análisis configurado en tres pasos, unitarización, categorización y comunicación. La formación del profesorado, que utilizó los textos de Vygotski, ayudó a reflexionar sobre las prácticas educativas, a través de la conciencia, con cambios en la postura.

Palabra clave: Atención Educativa Especializada; Concepciones de los profesores; Defecología de Vygotski; Formación de profesores.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Frente (fachada) da E. M. E. F. Presidente João Goulart	15
Figura 2: Sala de Recursos Multifuncional (parte externa)	16
Figura 3: Sala de Recursos Multifuncional (parte interna)	16
Quadro 1: Gráfico com o número de matrículas da Educação Especial.....	18
Quadro 2: Quadro com a relação dos professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart que fazem parte da pesquisa do Projeto de Intervenção	19
Quadro 3: Cronograma de Planejamento da ação.....	22
Quadro 4: Quadro resumo dos dados coletados.....	27
Quadro 5: O quadro demonstrativo do cronograma de execução do processo investigativo	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AEE-** Atendimento Educacional Especial
- APAE-** Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais
- CIEE** -Centro de Integração- Empresa Escola
- CNE-** Conselho Nacional de Educação
- CEB-** Câmara de Educação Básica
- EMEF-** Escola de Ensino Fundamental
- IBGE-** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IDEB-** Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
- INEP-** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
- LDB-** Lei de Diretrizes e Bases
- MEC-** Ministério da Educação
- NEE-** Necessidades Educacionais Especiais
- OMS-** Organização Mundial da Saúde
- PNE-** Plano Nacional de Educação
- PPGEdu-** Programa de Pós-Graduação em Educação
- RS-** Rio Grande do Sul
- SEM-** Sala de Recursos Multifuncional
- SEESP-** Secretaria de Educação Especial
- SECADI-** Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
- TGD-** Transtorno Global do desenvolvimento
- TEA-** Transtorno do Espectro Autista

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 Justificativas para a realização da pesquisa	13
1.2 O contexto da intervenção e os sujeitos de pesquisa	14
1.3 Procedimentos metodológicos	20
2. A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	30
2.1 O professor como pessoa	30
2.2 Legislação e formação.....	33
2.3 Formação pedagógica por meio dos estudos de Vygotski	34
3. A DEFECTOLOGIA DE VYGOTSKI: ALGUMAS CONCEPÇÕES DA SUA PRIMEIRA FASE DE INVESTIGAÇÕES	38
4. CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES A CERCA DA EDUCAÇÃO DE ALUNOS COM NEE	46
4.1 Compreensões antes da intervenção: as concepções dos professores prejudicam a inclusão escolar?.....	46
4.2 O que os professores passaram a pensar, a partir da intervenção	50
4.2.1 O papel da escola na inclusão dos alunos com NEE	51
4.2.2 A tomada de consciência por meio da defectologia de Vygotski.....	56
4.2.3 A mudança de postura dos professores mediante a formação por meio dos estudos de Vygotski	66
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICES	82
APÊNDICE A - Termo de consentimento à escola	82
APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido	83
APÊNDICE C - Formulário de curso de extensão.....	85
APÊNDICE D - Avaliação-questionário.....	90

1. INTRODUÇÃO

Uma compreensão corriqueira é a de que as pessoas nutrem pensamentos, opiniões e sentimentos em relação a outras pessoas. Esses pensamentos e opiniões referem-se a ideais positivas, mas também podem se referir a noções preconceituosas. Tal compreensão pode se aplicar também ao professor, a respeito do que ele pensa em relação aos seus alunos. Se considerar que o professor também pode pensar assim, questiona-se: qual a interferência dessa situação nas práticas em sala de aula? Quais as repercussões de um processo de formação profissional aplicado na própria escola, tendo como base as concepções da defectologia de Vygotski?

Com base neste último questionamento, definimos o seguinte objetivo de pesquisa: discutir as concepções dos professores a respeito da educação de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE) à luz dos textos da primeira fase da defectologia de Vygotski.

A escolha do tema teve vínculo com trajetória profissional da pesquisadora, que atua como professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE), na Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart, há 16 anos.

No desenvolvimento das atividades profissionais, foram percebidas algumas das dificuldades encontradas pelos professores que trabalham com os alunos com NEE. Neste sentido, esta pesquisa surgiu aliando a necessidade de se programar um projeto de intervenção na escola (como trabalho de conclusão de curso para o mestrado) com a possibilidade de discutir com os colegas as concepções sobre os alunos NEE. A educação especial, que se volta para a educação inclusiva, revela-se uma temática que, tanto para a escola, como para a universidade, ainda não é tranquila.

Acredita-se que a defectologia de Vygotski, matriz teórica deste estudo e temática amplamente discutida no grupo de pesquisa “Educação inclusiva e defectologia de Vygotski”, do qual passei a fazer parte quando comecei o mestrado em educação na Universidade Federal do Pampa, apresenta uma série de elementos teóricos que, se bem compreendidos, podem se constituir em aporte para o trabalho docente em educação especial.

Assim, para realizar estas discussões, este relatório crítico-reflexivo está dividido nas seguintes partes: a construção teórica, por meio de um primeiro capítulo que apresenta a justificativa para a realização da pesquisa, o contexto da intervenção e os sujeitos participantes; e os procedimentos metodológicos adotados; de um segundo, que descreve a formação de professores, o professor como pessoa, a legislação e a formação, assim como a formação pedagógica por meio dos estudos de Vygotski; de um terceiro, que descreve a defectologia de Vygotski: alguns estudos da sua primeira fase de investigações; e de um quarto capítulo, que apresenta as concepções da educação de alunos com NEE e trata sobre os seguintes tópicos: Compreensões antes da intervenção: as concepções dos professores prejudicam a inclusão escolar? O que passam a pensar a partir da intervenção, o papel da escola na inclusão dos alunos com NEE, a tomada de consciência através da defectologia de Vygotski, a mudança de postura dos professores mediante a formação por meio dos estudos de Vygotski, as considerações finais, os referenciais; apêndices e anexos.

1.1 Justificativas para a realização da pesquisa

Esta pesquisa se justificou, em primeiro lugar, pela necessidade de se ofertar formação aos professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart, alinhando-se a oportunidade de implementar uma ação a partir da especificidade de trabalho da pesquisadora na escola, que atua com o AEE e que tem como atribuição o planejamento e a oferta de ações de formação continuada aos professores que exercem atividades na sala de aula.

De acordo com Rosseto (2015, p. 106), “o professor do AEE, além de atender ao aluno em período de contra turno, de diferentes maneiras, deve subsidiar as ações e a formação do professor da sala regular”. A Nota Técnica SEESP/GAB/N.11 (BRASIL, 2010, p. 4), no item I, orienta que os professores envolvidos nos centros de AEE trabalhem, também com a formação de professores, “[...] para promover a formação dos professores, o acesso a serviços e recursos de acessibilidade, a inclusão profissional dos alunos, a produção de materiais didáticos acessíveis e o desenvolvimento de estratégias

pedagógicas”. Também a Nota Técnica N.º 11/2010 (BRASIL, 2010, p. 5) indica que uma das atribuições do profissional do AEE é:

4. Estabelecer a articulação com os professores da sala de aula comum e com demais profissionais da escola, visando à disponibilização dos serviços e recursos e o desenvolvimento de atividades para a participação e aprendizagem dos alunos nas atividades escolares; bem como as parcerias com as áreas inter setoriais.

Em segundo lugar, esta investigação se justificou em função das concepções dos professores a respeito dos alunos com NEE e a importância de se realizar uma pesquisa-intervenção para discuti-las. Em reunião de conselho de classe, em junho de 2018, por meio dos relatos dos professores, foram observadas as seguintes concepções ou crenças sobre os alunos com necessidades educacionais especiais: alguns professores pensam que os alunos com NEE são incapazes de aprender; existem alguns preconceitos com relação a estes alunos; o aluno com NEE, nem sempre é respeitado em função das suas diferenças; às vezes é ignorado na sala de aula, abandonado ou rejeitado pelos colegas, e o professor não observa isso ou não sabe como deve intervir; alguns professores pensam que o aluno com NEE não consegue acompanhar a turma, sob o ponto de vista da aprendizagem de conteúdos e que, por isso, deveria ser afastado da convivência com os demais.

Em terceiro lugar, esta investigação se justificou pela importância da utilização das concepções de defectologia de Vygotski para a formação de professores, dada a sua ausência neste âmbito. Costas e Selau (2018) argumentam que a defectologia é uma concepção que auxilia para a formação de professores, mas não tem sido utilizada pelo MEC.

1.2 O contexto da intervenção e os sujeitos de pesquisa

A Escola João Goulart, local onde foi implementada a intervenção, foi fundada em 18 de outubro de 1999. Está localizada na Avenida da Saudade, número 433, no bairro Branco Araújo, na cidade de Arroio Grande, extremo sul do Rio Grande do Sul. Atualmente, tem 383 alunos matriculados, distribuídos nos turnos da manhã e da tarde, da Educação Infantil ao 9º ano. São matriculados e frequentam a escola, alunos de todos os bairros da cidade e,

também, alunos vindos da zona rural que utilizam o transporte escolar. Ao total, a instituição possui 47 professores e 08 funcionários, sendo 02 professoras da Sala de Recursos Multifuncional (SRM).

A escola proporciona o atendimento às necessidades específicas de cada aluno, com auxílio dos profissionais de AEE. As Diretrizes Nacionais da Educação Básica, instituídas pela Resolução CNE/CEB Nº 4/2010, conforme disposto no seu art. 1º, determinam:

§ 1º Os sistemas de ensino devem matricular os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular e no atendimento educacional especializado (AEE), complementar ou suplementar à escolarização ofertado em sala de recursos multifuncionais ou em centros de AEE da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos.

As atividades do projeto de intervenção foram realizadas com a devida autorização por meio do consentimento da escola (Apêndice A) e de convite para os professores dos anos iniciais, do turno da tarde, que preencheram e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice B).

A título de ilustração, segue três imagens da escola, a fachada, parte externa da E.M.E.F. Presidente João Goulart e duas imagens da sala de recursos (parte interna e parte externa).

Figura 1: Frente (fachada) da E. M. E. F. Presidente João Goulart



Fonte:Arquivo pessoal da pesquisadora

Figura 2: Sala de Recursos Multifuncional (parte externa)



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Figura 3: Sala de Recursos Multifuncional (parte interna)



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2015, os alunos dos anos iniciais da rede pública de Arroio Grande tiveram nota média de 5 no IDEB. Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 3,6. Na comparação com cidades do mesmo estado, a nota dos alunos dos anos iniciais colocava o município na posição 333 de 497. Considerando a nota dos alunos dos anos finais, a posição passava a 286 de 497. A taxa de escolarização para pessoas de 6 a 14 anos, foi de 98,7 em 2010. Isso dispõe o município na posição 171 de 497 dentre as cidades do estado e na posição 982 de 5.570 entre as cidades do Brasil.

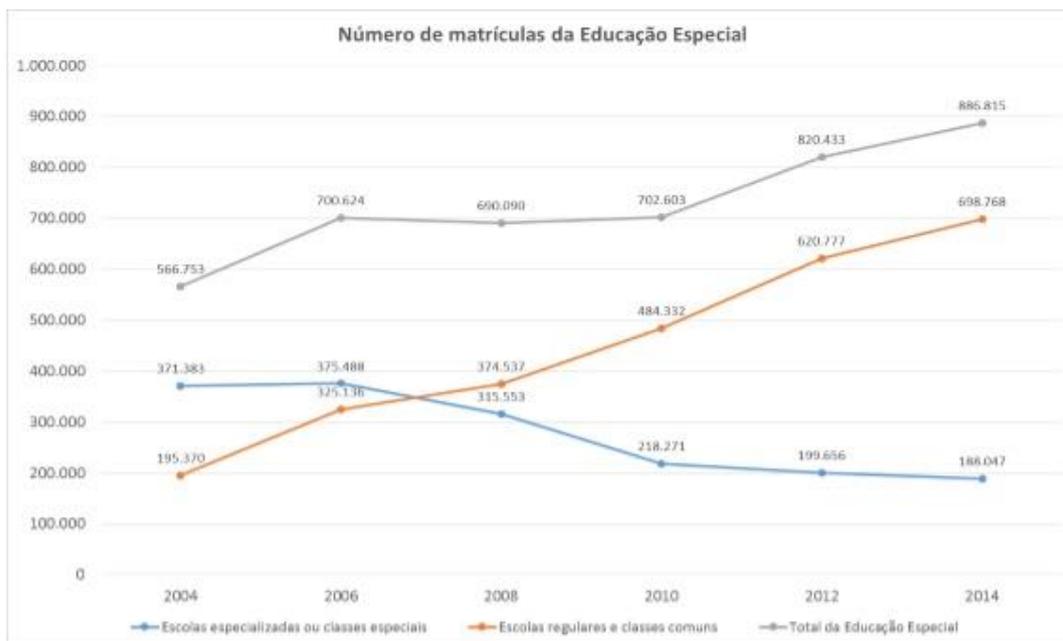
A meta 4 do Plano Nacional de Educação - PNE(2008) prevê a universalização da inclusão dos alunos com deficiência na rede regular de ensino.

- ❖ Indicador 4A: Percentual da população de 4 a 17 anos de idade com deficiência que frequenta a escola. META 100%. Falta para a meta: 17,5 pp;
- ❖ Indicador 4B: Percentual de alunos de 4 a 17 anos de idade com deficiência, TGD (Transtorno Global do Desenvolvimento) e altas habilidades ou superdotação que estudam em classes comuns da educação básica. META 100%. Falta para a meta: 9,0 pp.

No ano de 2014, o PNE e as estatísticas sobre as matrículas dos estudantes com deficiência na educação básica traduziam duas importantes conquistas: em primeiro lugar, o número total dessas matrículas apresentava um crescimento de 56% ao longo de um período de dez anos. Em segundo lugar, o percentual de matrículas em ambientes inclusivos atingia a expressiva marca de 78%, contrapondo um contexto oposto, ou seja, de predominância das matrículas em ambientes segregados ao longo da história.

O gráfico abaixo ilustra tais conquistas e explicita o ano de 2008 como momentos de uma grande virada, quando o atendimento em espaços inclusivos superou o modelo da segregação.

Quadro 1: Gráfico com o número de matrículas da Educação Especial



Fonte: Sinopses estatísticas da Educação Básica – INEP/ MEC (2004 a 2014).

Essas duas relevantes conquistas, no entanto, conviviam com um importante desafio. O número de matrículas do público-alvo da Educação Especial, mesmo em constante crescimento, não passava de 1,78% do total de matrículas da Educação Básica. Embora não seja possível precisar quantas crianças e adolescentes desse segmento têm hoje no Brasil e, principalmente, quantas ainda estão fora da escola, estima-se que 15% da população tenham alguma deficiência, de acordo com o Relatório Mundial Sobre a Deficiência da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2011). Ou seja, mesmo que haja variações dessa estatística por faixa etária, tudo indica que uma parcela considerável das crianças e adolescentes com deficiência estava fora da escola.

Em relação à atuação dos participantes da pesquisa, os professores dos anos iniciais do turno da tarde, a direção, a supervisão e a orientação pedagógica atuam por 20 horas na escola Presidente João Goulart e possuem alunos com NEE, em sala de aula. Neste Relatório, estão classificados com letras do A ao M, especificando a turma em que trabalham e o vínculo de trabalho e tempo de serviço.

A professora A é formada em Pedagogia e atua há 10 anos na rede municipal. A professora B possui formação em Letras, está cursando mestrado em educação e é efetiva há 10 anos. A professora C tem formação em Pedagogia e é efetiva há 11 anos. A professora D tem formação em Supervisão Escolar e é efetiva há 14 anos. A professora E tem formação em Pedagogia e possui um Contrato de CIEE¹ (Centro de Integração- Empresa Escola) há 02 anos. A professora F tem formação em Supervisão Escolar e é efetiva há 15 anos. A professora G tem formação em Pedagogia, está cursando Mestrado em Educação e é efetiva há 24 anos. A professora H tem formação em Pedagogia e Psicopedagogia e atua há 16 anos. A professora I tem formação em Pedagogia e é efetiva há 25 anos. A professora J tem formação em Gestão Escolar e está cursando Mestrado em Educação, é efetiva há 24 anos. A professora K tem formação em Pedagogia, e atua há 17 anos. A professora L, tem formação em Matemática e atua há 24 anos. A professora M é formada em Pedagogia e atua há 02 anos.

O quadro a seguir sintetiza a relação de professores pesquisados.

Quadro 2: Quadro com a relação dos professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart que fazem parte da pesquisa do Projeto de Intervenção

Turma:	Formação:	Vínculo de trabalho:	Tempo de Serviço:
Prof. A-Pré-escolar	Pedagogia	Efetiva	10 Anos
Prof. B-1º Ano	Letras- Cursando Mestrado em Educação	Efetiva	10 Anos
Prof. C- 2º Ano	Pedagogia	Efetiva	11 Anos
Prof. D- 3º Ano	Pós-Graduação Supervisão Escolar	Efetiva	14 Anos
Prof. E- 4º Ano	Pedagogia	Contrato CIEE	02 Anos
Prof. F- 5º Ano	Pós-Graduação Supervisão Escolar	Efetiva	15 Anos

¹ CIEE- Centro de Integração Empresa Escola- é uma associação brasileira, de direito privado, sem fins lucrativos, beneficente de assistência social e reconhecida de utilidade pública, que, dentre vários programas, possibilita aos jovens estudantes brasileiros, uma formação integral, ingressando-os ao mercado de trabalho.

Prof. G- Orientadora Educacional	Pedagogia - Cursando Mestrado em Educação	Efetiva	24	Anos
Prof. H- 5º Ano	Pedagogia- Supervisão Escolar	Efetiva	16	Anos
Prof.I-Coordenadora Pedagógica	Pedagogia- Psicopedagogia	Efetiva	25	Anos
Prof. J- Diretora:	Matemática-Gestão Escolar- Cursando Mestrado em Educação	Efetiva	24	anos
Prof. K- Coordenadora Pedagógica	Pedagogia- Supervisão Escolar	Efetiva	17	Anos
Prof. L Coordenador Pedagógico	Matemática Mestrado em Educação	Efetivo	24	Anos
Prof. M- Pré- Escolar	Pedagogia-	Contratada	02	anos

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

1.3 Procedimentos metodológicos

O presente estudo levou em consideração a abordagem da pesquisa intervencionista do tipo pedagógica (DAMIANI *et al.*, 2013). Estas pesquisas:

São investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações) destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências (DAMIANI *et al.*, 2013, p. 58).

As pesquisas do tipo intervenção pedagógica são aplicadas, ou seja, têm como finalidade contribuir para a solução de problemas práticos. Elas se opõem às pesquisas básicas, que objetivam ampliar conhecimentos, sem preocupação com seus possíveis benefícios prática (GIL, 2010). Além disso, exigem que o pesquisador, após a elaboração do projeto, implemente a proposta de trabalho pedagógica, descrevendo-a para, então, avaliá-la de acordo com os preceitos científicos.

A implementação de interferências, primeira parte desta pesquisa, foi feita por meio de uma atividade de extensão universitária (Apêndice C). Os objetivos da extensão, registrada na UNIPAMPA e implementada pela

mestranda, foram: estudar aspectos teóricos introdutórios da defectologia de Vygotski com professores da comunidade; estabelecer um clima descontraído para o desenvolvimento dos estudos propostos, com base na prática da reunião-lanche; auxiliar aos professores que tem alunos com NEE a construir um relato autobiográfico referente à sua história de vida com o deficiente.

A extensão foi constituída por dez encontros semanais e teve a participação dos professores dos anos iniciais, do turno da tarde, da sala de aula regular. Os encontros aconteceram na escola João Goulart, das 17h30min às 18h30min.

Na formação, os professores foram estimulados a participar de cafés como forma de confraternização e socialização, o que deu o tom para todas as atividades desenvolvidas. A proposta foi a de que os professores começassem discutindo as práticas pedagógicas e realizando trocas de experiências durante esse momento. A reunião-lanche tem como finalidade fornecer subsídios para a qualificação do professor, de maneira diferente com o lanche compartilhado. De acordo com Scruton², citado por Damiani e Peres (2007, p. 362):

Alimentar, para os humanos, é diferente do alimentar para os animais. Ele argumenta que, para os primeiros, a comida pode ter função social e religiosa e o ato de alimentar-se pode se constituir um ritual primário de pertencimento. Assim, entendemos que o alimentar carrega consigo uma função simbólica. O comer, que passou a ser realizado em grupo, ajudou a nos humanizar, criando vínculos entre as pessoas. O homem civilizado come não apenas por fome, para satisfazer uma necessidade elementar do corpo, mas também para transformar esta ocasião em um ato de sociabilidade e de grande poder de comunicação.

Os textos da primeira fase da defectologia de Vygotski foram enviados aos professores por e-mail, para que fossem lidos anteriormente aos encontros. Foram abordadas algumas partes do texto e a reflexão foi instigada pela mestranda, para que servisse como fonte de pesquisa sobre as concepções dos professores na prática educativa.

²SCRUTON, Roger. Filosofia gastronômica. Disponível em: <http://www.revistapronto.com.br/Noticia.asp?ID=532>. Acesso em: 25 fev 2007.

Os textos da defectologia de Vygotski estudados foram: Acerca de la psicología y la pedagogía de la defectividad infantil (VYGOTSKI, 1997a), Principios de la educación de los niños físicamente deficientes (VYGOTSKI, 1997b) e Principios de la educación social de los niños sordomudos (VYGOTSKI, 1997c). Abaixo, quadro que demonstra o planejamento da ação dos encontros da formação de professores/extensão.

Quadro 3: Cronograma de Planejamento da ação

1º Encontro: 03/10/2018	Combinações, Apresentação do Projeto de Extensão, O que é e como produzir os relatos autobiográficos?
2º Encontro: 10/10/2018	Estudos sobre a defectologia de Vygotski- Acerca de La psicología y la pedagogía de la defectividad infantil (1997a).
3º Encontro: 18/10/2018	Estudos sobre a defectologia de Vygotski- Acerca de La psicología y la pedagogía de la defectividad infantil (1997a).
4º Encontro: 31/10/2018	Estudos sobre a defectologia de Vygotski- Principios de la educación de los niños físicamente deficientes (1997b).
5º Encontro: 05/11/2018	Análise sobre os escritos- Trabalho realizado individualmente.
6º Encontro: 07/11/2018	Estudos sobre a defectologia de Vygotski- Principios de la educación de los niños físicamente deficientes (1997b).
7º Encontro: 10/11/2018	Estudos sobre a defectologia de Vygotski Principios de la educación social de los niños sordomudos (1997c).
8º Encontro: 12/11/2018	Estudos sobre a defectologia de Vygotski Principios de la educación social de los niños sordomudos (1997c).
9º Encontro: 14/11/2018	Socialização das histórias de vida

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

No primeiro encontro, foi realizada a apresentação do projeto de extensão, mostrando a proposta do projeto, os objetivos, a justificativa, a equipe executora, as parcerias, o público alvo e a forma de avaliação. Também foi explanado que, no término da formação, todos deveriam realizar a avaliação final do curso, que terá uma carga horária de 40h.

No segundo, terceiro e quarto encontros foram realizados os estudos dos textos da primeira fase da defectologia de Vygotski. Os professores foram divididos em duplas e trios para a leitura da página solicitada e para análise e partilha com o grupo sobre o que entenderam. Na divisão do trabalho, os professores retiraram as partes principais, e relataram aos demais o que entenderam.

O quinto encontro foi realizado individualmente. Foi realizada uma análise sobre os escritos dos professores, com trocas de ideias do que foi entendido e o que precisava ser melhorado. No sexto, sétimo e oitavo encontros, os professores deram continuidade aos textos da defectologia de Vygotski. No nono encontro foi realizada a socialização das histórias de vida e no décimo encontro foi realizada uma avaliação do curso.

Os participantes escreveram um relato autobiográfico (narrativas) referente à sua história de vida com o deficiente. Na realização da escrita das narrativas, os professores trabalharam com pistas, que anotaram em um pequeno caderno. Estas pistas serviram para a construção do texto final, referentes aos estudos dos textos de Vygotski, realizados nos encontros. Ao final de cada atividade formativa, como forma de confraternização, os professores tomaram um café, apreciando o encontro. Todos os participantes relatavam a importância que teve o curso para a escola, destacando os pontos positivos e negativos da formação.

As discussões em grupo na roda de conversa ocorreram em um momento agradável com lanche compartilhado. Todos se envolveram na hora de trazer o lanche, ficando uma refeição boa e diversificada. As histórias de

vida, muito interessantes, também ajudaram na partilha das angústias, alegrias e experiências de sala de aula e da vida particular. Os encontros proporcionaram uma relação com vínculo de solidariedade e aprendizagem entre todos os participantes, principalmente no incentivo com os textos em espanhol.

A coleta de dados desta intervenção pedagógica teve como instrumentos a narrativa escrita, a observação e o questionário. Na sequência, cada um destes instrumentos serão mais bem explicados.

O primeiro instrumento foi à narrativa escrita. Ela tem uma raiz na pesquisa autobiográfica, embora não fosse este o procedimento principal: “[a] pesquisa (auto) biográfica é uma forma de história auto-referente [sic], portanto plena de significado, em que o sujeito se desvela, para si, e se revela para os demais” (ABRAHÃO, 2004, p. 202).

Moita³ (1995), citado por Abrahão (2004, p. 113), considera a pesquisa (auto) biográfica a metodologia com potencialidades de diálogo entre o individual e o sociocultural, já que “põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos”. No que se refere à escrita da narrativa, Josso (2002, p. 28-29) afirma que a construção da narrativa de si funciona como uma “atividade psicossomática” em diferentes níveis. Primeiro, no plano da “interioridade”; segundo, na perspectiva das “competências verbais e intelectuais”, as quais envolvem “competências relacionais” porque implicam colocar o sujeito com suas lembranças e evocar as “recordações-referências”, organizando-as num texto narrativo que tem sentido para si e esteja implicado com o tema da formação em curso.

Para Souza (2004, p. 31), a escrita da narrativa, enquanto “aprendizagem experiencial”, implica em colocar o sujeito numa prática subjetiva e intersubjetiva do processo de formação, a partir das experiências e aprendizagens construídas ao longo da vida e expressas no texto narrativo. Isso ocorre, porque as experiências, de que falam as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida.

³ MOITA, M. C. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, A. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

A proposta foi coletar os relatos da autobiografia dos professores, construída em interlocução com as mudanças sentidas em função da intervenção. Utilizar as narrativas permitiu com que o professor partisse da experiência pessoal, questionando os sentidos de suas vivências e aprendizagens no decorrer da intervenção. A escrita da narrativa abriu espaços e oportunizou com que os professores, em processo de formação pedagógica, escrevessem sobre suas experiências formadoras e suas concepções.

Os professores foram orientados a escrever as narrativas com base nos seguintes eixos norteadores (SOUZA, 2004):

Tema: Minha história de vida com o deficiente

1- Título (pessoal)	
2- Como foi, na minha vida, minha relação com o deficiente?	
3- Como os estudos de Vygotski me auxiliaram a rever minha relação com o deficiente?	
4- O que mudaria na minha relação com o deficiente na escola se houvesse estudado a defectologia da Vygotski na graduação?	
5- A experiência de formação na extensão: pontos positivos e negativos.	

Foram coletadas 13 narrativas, em um total de 42 páginas escritas, utilizando um tempo de 600 minutos.

O segundo instrumento de coleta de dados foi à observação. A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utilizar os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade.

Segundo Gil (2010, p. 100):

A observação apresenta como principal vantagem, em relação às outras técnicas, a de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação. Duas formas distintas da observação: a natural, o observador pertence ao grupo que investiga; e a artificial, o observador se integra ao grupo com objetivo de realizar uma investigação.

Segundo Vianna (2003), a observação é uma das mais importantes fontes de informações em pesquisas qualitativas em educação. Sem acurada observação, não há ciência. É preciso pensar também que a observação em situação natural exige o registro imediato das informações coletadas e a sua codificação, sendo esse um procedimento difícil de levar a efeito quando o observador se acha atuando em um grupo de elementos integrantes da observação (VIANNA, 2003).

Dentro dos encontros, foram realizadas as observações dos diálogos. Foram realizadas filmagens, as quais facilitaram as transcrições das observações. Os autores Eliana Pinheiro, Tereza Kakehashi e Margareth Ângelo (2005, p. 718), salientam que

O vídeo (filmagem) é indicado para estudo de ações humanas complexas difíceis de serem integralmente captadas e descritas por um único observador, minimizando a questão da seletividade do pesquisador, uma vez que a possibilidade de rever várias vezes as imagens gravadas direciona a atenção do observador para aspectos que teriam passado despercebido, podendo imprimir maior credibilidade ao estudo. Por outro lado, o vídeo pode auxiliar também o pesquisador a desprender-se de seus valores, sentimentos, atitudes que podem conferir tons subjetivos ao seu olhar, influenciando as notas de campo realizadas no decorrer da observação participante.

Dentro da aplicação da pesquisa foram realizadas 10 observações, com 42 páginas escritas, e um tempo de 784 minutos de filmagem.

O terceiro instrumento de coleta de dados foi o questionário. De acordo com Gil (1999, p.128), o questionário

[...] pode ser definido como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas e situações vivenciadas.

Já para Marconi e Lakatos (1999, p. 100)“o questionário é um instrumento, composto de um conjunto de perguntas ordenadas de acordo com um critério predeterminado, que deve ser respondido sem a presença do entrevistador”.

Oliveira (1997, p. 165) afirma que o questionário apresenta as seguintes características: “[...] (1) deve ser a espinha dorsal de qualquer levantamento,

(2) deve reunir todas as informações necessárias (nem mais nem menos), (3) deve possuir linguagem adequada”.

O questionário foi desenvolvido pela Pró-Reitoria de extensão da UNIPAMPA, como sugestão. Foi entregue ao final da intervenção, todos responderam e devolveram, conforme apêndice D.

Ao observar as transcrições realizadas na coleta de dados, foram obtidas informações que retratam como foi desenvolvido o trabalho:

Quadro 4: Quadro resumo dos dados coletados.

Instrumento da coleta de dados	Quantidade de dados coletados	Tempo em minutos	Número de páginas transcritas	Total:
Narrativas	13	600 min.	Sujeito 1-	4
			Sujeito 2-	3
			Sujeito 3-	3
			Sujeito 4-	3
			Sujeito 5-	3
			Sujeito 6-	2
			Sujeito 7-	3
			Sujeito 8-	4
			Sujeito 9-	3
			Sujeito 10-	4
			Sujeito 11-	3
			Sujeito 12-	4
			Sujeito 13-	3
Observações	10	784 min.		42 páginas
Questionários	13		Suj. 1-	1
			Suj. 2-	1
			Suj. 3-	1
			Suj. 4-	1
			Suj. 5-	1
			Suj. 6-	1
			Suj. 7-	1
			Suj. 8-	1
			Suj. 9-	1
			Suj. 10-	1
			Suj. 11-	1
			Suj. 12-	1

			Suj. 13-	1	13 páginas
Total da coleta de dados	36	1384 min.			97

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Como recurso para análise de dados, foi utilizado à análise textual discursiva, proposta por Moraes (2003). Este método possibilita a análise de textos já existentes ou de material de textos produzidos durante a pesquisa, oriundos de observações, narrativas e questionários. Moraes (2003) indica que o recurso metodológico é muito utilizado em pesquisas qualitativas, pois tem o objetivo de compreender fenômenos de forma rigorosa, com possibilidades de elencar as manifestações apresentadas no desenvolvimento da pesquisa. Moraes (2003, p. 01) afirma que:

A pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação, isto é, não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa: a intenção é a compreensão.

Moraes (2003) propõe um ciclo de análise configurado em três etapas: a unitarização, a categorização e a comunicação, que se apresentam como um movimento que possibilita a emergência de novas compreensões sobre a realidade pesquisada. Segundo a autora, os materiais analisados constituem um conjunto de significantes e o pesquisador atribui a eles significados a partir de seus conhecimentos e teorias.

As unidades irão compor as categorias, que podem ser constituídas a *priori* ou a partir da análise. As unidades compõem as categorias conforme os temas destas. Portanto, desmontamos os textos, causando uma desordem para, posteriormente, criar uma nova ordem com novas relações e compreensões diferentes, utilizando as teorias para contribuir e enriquecer a análise dos fenômenos.

É uma construção gradativa e pode sofrer ressignificações. Assim, vão se aperfeiçoando e apresentando maior precisão, podendo apresentar

subcategorias, todas elas perpassadas pelo estudo de teorias que servem de suporte para essas análises. A análise dos fenômenos é realizada por meio da construção de textos que são chamados de meta textos, que expressam a compreensão do pesquisador sobre a pesquisa.

Segue, abaixo, o quadro que demonstra o cronograma de execução do processo investigativo.

Quadro 5: O quadro demonstrativo do cronograma de execução do processo investigativo

Fases:	Procedimentos:	Período de execução:
1ª Fase	Definição da área de estudos Elaboração do projeto de pesquisa Escolha do tema Definição dos objetivos Revisão teórica Definição do método investigativo	1º semestre de 2017
2ª Fase	Realização do estudo preliminar Exame de qualificação	1º semestre de 2018 2º semestre de 2018
3ª Fase	Coleta dos dados	2º semestre de 2018
4ª Fase	Análise dos dados Redação do Projeto-Reflexivo	1º semestre de 2019
5ª Fase	Defesa do Projeto-Reflexivo Divulgação dos resultados	1º semestre de 2019

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A partir dos dados apresentados até aqui, no próximo capítulo, serão abordadas questões relativas à formação de professores.

2. A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Este capítulo aborda algumas noções sobre a formação de professores. Como argumentado na Introdução deste trabalho, é parte da atividade da pesquisadora ofertar a formação continuada dos profisses da escola. Para este capítulo, portanto, é necessário apresentar: a visão do professor como pessoa; a legislação e formação; a formação por meio dos estudos de Vygotski.

2.1 O professor como pessoa

O professor é uma pessoa que possui muitas responsabilidades com a aprendizagem do aluno e consigo mesmo e é quem ensina os conteúdos do processo de escolarização. Para exercer essa profissão, é necessário se qualificar para que consiga ensinar. O professor está sempre em contínuo processo de transformação para poder atender a demanda que lhe é oferecida. está sempre buscando realizar-se no que faz e, por isso, é importante discutir com os professores em formação pedagógica as concepções que eles têm sobre os alunos com necessidades educacionais especiais.

O estudo do professor como pessoa parte da ideia da compreensão humana e das experiências íntimas que cada pessoa possui. Segundo Mosquera (1978, p. 45):

A vida humana caracteriza-se por uma constante procura de significado. A realização do homem consiste em projetar-se além de si mesmo e criar um sentimento profundo acerca de sua integridade e valor.

Além disso, a vida é um contínuo desafio. O homem está continuamente atualizando-se e constituindo-se como pessoa. O professor é uma pessoa, antes de ser ou estar professor, ele precisa construir uma auto-imagem positiva de si mesmo, buscando a realização, a autonomia e a inovação (MOSQUERA, 1978). De acordo com Jourard⁴ (1974), citado por Mosquera (1978, p. 61):

[...] a capacidade de experimentar o mundo é uma grande riqueza e faz com que o indivíduo desenvolva várias formas de consciência

⁴ JOURARD, Sidney. M. **Healthy personality**. New York, Macmillan, 1974.

dando um sentido pessoal a sua própria vida. A consciência significa, portanto, a posse de si mesmo e o encaminhamento da própria pessoa no universo.

Na perspectiva freiriana, entende-se que não se pode falar em educação sem ter em conta, na reflexão, que o seu núcleo fundamental é a incompletude, o inacabamento humano e que é justamente por isso que nos educamos:

[...] o homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação. (FREIRE, 1979, p. 27)

Um docente tem um papel fundamental na vida do seu aluno. Por isso, a formação de professores gera impacto no processo educacional através das mudanças constantes nas formas de aprender e ensinar, subsidiando os professores para dialogarem com a nova realidade da sala de aula, atuando como mediadores de aprendizagem. Freire deu grande ênfase à formação dos educadores. Em suas palavras:

[...] um dos programas prioritários em que estou profundamente empenhado é o de formação permanente dos educadores, por entender que os educadores necessitam de uma prática político-pedagógica séria e competente que responda à nova fisionomia da escola que se busca construir. (FREIRE, 1991, p. 80).

Oferecer formação pedagógica é proporcionar ao educador independência profissional e autonomia para decidir sobre o seu trabalho e suas necessidades, contribuindo para o aperfeiçoamento da prática pedagógica. De acordo com Freire (1996, p. 50) "[...] o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da sua experiência vital". Com isso se pode concluir que não há nenhuma pessoa que se encontre em uma estagnação total que não possa ser mudada, pois enquanto houver vida há uma constante reciclagem de conhecimentos e aprendizados. Através da formação pedagógica, o professor está sempre aprendendo.

Para Freire (1996), a formação permanente pressupõe que o formador e o formando compreendam-se como seres inconclusos e que essa é uma condição humana que impele o homem a se enveredar, curiosamente, na

busca pelo conhecimento de si e do mundo. Neste sentido, pode-se afirmar que a identidade profissional se desenvolve e se adapta ao contexto social, político e histórico em que o professor está inserido. De acordo com Batista (2001, p. 134)

Formação traz em si uma intencionalidade que opera tanto nas dimensões subjetivas (caráter, mentalidade) como nas dimensões intersubjetivas, aí incluídos os desdobramentos quanto ao trajeto de constituição no mundo de trabalho (conhecimento profissional). Portanto, não se trata de algo relativo a apenas uma etapa ou fase do desenvolvimento humano, mas sim como algo que percorre, atravessa e constitui a história dos homens como seres sociais, políticos e culturais.

Uma educação mais complexa deve atender a formação do ser humano, que configure o desenvolvimento das potencialidades, que torne os indivíduos capazes de conviver na sociedade. Para Mosquera (1974, p. 128) a “formação é a qualidade formal do homem enquanto homem e formação, no sentido da atividade, é a impressão de formar o humano”.

Imbernón (2010) ainda ressalta a formação continuada como fomento de desenvolvimento pessoal, profissional e institucional dos professores, elevando seu trabalho para transformação de uma prática. Tal prática está para além das atualizações científicas, didáticas ou pedagógicas do trabalho docente, supõe uma prática cujo alicerce é balizado na teoria e na reflexão desta, para mudança e transformação no contexto escolar, assim:

O conhecimento profissional consolidado mediante a formação permanente apóia-se tanto na aquisição de conhecimentos teóricos e de competências de processamento da informação, análise e reflexão crítica em, sobre e durante a ação, o diagnóstico, a decisão racional, a avaliação de processos e a reformulação de projetos (IMBERNÓN, 2010, p.75).

A formação dos profissionais da educação é uma necessidade para atender às exigências do cotidiano de seu exercício profissional e às solicitações dos estudantes e da sociedade em geral. Através da formação, o professor como pessoa, promove o seu crescimento pessoal, profissional e espiritual, realizando sua tomada de consciência sobre suas práticas pedagógicas. Imbernóm (2010, p. 85) aponta para

[...] a formação centrada na escola envolve estratégias empregadas conjuntamente pelos formadores e pelos professores para dirigir os programas de formação de modo que respondam às necessidades definidas da escola e para elevar a qualidade do ensino e da aprendizagem em sala de aula e nas escolas.

Formar-se é também uma maneira de melhorar a prática profissional como um todo, convicções e conhecimentos profissionais, e fomentar práticas pedagógicas na escola. Na formação pedagógica desenvolvida, os professores perceberam a importância de buscar novos aprendizados, valorizando-se como pessoa, buscando sua realização para inovar nas atividades que lhe são propostas pela escola, junto aos alunos.

2.2 Legislação e formação

A busca pela melhoria e qualidade da atuação e formação do professor vem sendo objeto de estudos e de políticas públicas nas esferas federal, estadual e municipal, com ênfase na formação de profissionais para atuarem na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A Constituição Federal (BRASIL, 1988) traz, nos artigos 205 e 206, a afirmativa de que todos têm o direito à educação, não gerando discriminações. No artigo 205 da Constituição, é reforçada a garantia da educação como direito de todos e dever do Estado e da família. No artigo 206, inciso I, elucida que os sistemas de ensino devem ter como princípio-base a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, dá amparo legal para a formação de professores, isto é, espaço, tempo e recursos reservados para estudos, planejamento, troca de experiências e avaliação, com o intuito de propiciar uma formação fundamentada na "íntima associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço" (BRASIL, 1996, s.p).

A Resolução nº04, de 02 de outubro de 2009, que institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica (BRASIL, 2009), modalidade Educação Especial, em seu artigo 2º, afirma que o AEE tem como função:

[...] complementar ou suplementar a formação do aluno por meio da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação e desenvolvimento de sua aprendizagem (BRASIL, 2009, p. 01)

O AEE é o serviço que perpassa toda vida escolar da pessoa com deficiência, e busca maneiras de auxiliar as necessidades pedagógicas desses alunos.

O cenário da educação especial, proposto pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, tem desencadeado discussões diversas com relação à inclusão de estudantes com deficiências nas salas de ensino regular de AEE (BRASIL, 2008).

A pesquisadora atua como professora de AEE e uma das atribuições deste profissional referem-se à necessidade de planejar e oferecer formação continuada aos professores que exercem atividades na sala de aula. O professor de AEE deve desenvolver um trabalho que abrange todas as instâncias da escola, equipe diretiva e pedagógica, os professores da sala comum, a família e, principalmente, os alunos da sala regular. O professor de AEE tem como principal objetivo desenvolver nos alunos estímulos indispensáveis ao pleno desenvolvimento, através de recursos pedagógicos, tecnológicos e educativos, contribuindo de forma significativa para a independência e autonomia.

Surgiu, então, a necessidade de discutir com os professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart as suas concepções a respeito da educação de alunos com NEE, à luz da defectologia de Vygotski. Percebeu-se que é de grande relevância a discussão acerca da possibilidade de o professor de AEE articular momentos de formação pedagógica com os colegas que atuam na sala de aula regular e demais profissionais da educação.

2.3 Formação pedagógica por meio dos estudos de Vygotski

A utilização das concepções de defectologia de Vygotski para a formação de professores aposta na importância das relações humanas e, sobretudo, para as possibilidades de aprendizagem do sujeito que apresenta alguma deficiência.

Ferreira (2012) salienta que a teoria de Vygotski pode oferecer elementos para entender processos de desenvolvimento e aprendizagem dos indivíduos e a articulação entre esses processos e as peculiaridades que envolvem a educação das pessoas deficientes.

Costas e Selau (2018) argumentam que a defectologia é uma concepção que auxilia na formação de professores, mas que não tem sido utilizada pelo MEC. De acordo com Costas e Selau (2018, p. 405), os “Fundamentos de Defectologia” de Vygotski (1997) supostamente deveriam ser um dos principais faróis para a formação de professores nos processos de Educação Especial, devido ao seu revolucionário viés de vanguarda. Aprendizagem e desenvolvimento foram entendidos como processos que são estabelecidos coletivamente, corroborando a ideia de que “todos podem aprender juntos” (VYGOTSKI, 1997). O material sobre Fundamentos de defectología não tem feito parte dos textos e não é referência nos materiais que defendem a formação de professores na perspectiva da Educação Inclusiva, não foi referenciado, nem parece fazer parte da variedade de materiais listados pela SECADI/MEC:

In this scenario, Vygotski's Fundamentos de defectología was supposed to be one of the main beacons of teacher education processes for Special Education, due to its revolutionary and avant-garde bias. Learning and development were understood as processes that are established collectively, corroborating the idea that “everyone can learn together”, widespread by government political management and by the Special Education Department (SEESP), which was incorporated by the Citizenship Literacy Diversity and Inclusion Special Department (SECADI), in the Ministry of Education, MEC, (COSTAS; SELAU, 2018, p.404).

Neste momento, é importante questionar: por que a defectologia de Vygotski pode ser útil como referencial teórico para as formações de professores? Alguns dos elementos, mencionados por Vygotski na sua primeira fase de estudos defectológicos, são expostos para se tentar responder ao questionamento:

- Os estudos de Vygotski sobre aprendizado decorrem da compreensão do homem como um ser que se forma em contato com a sociedade e que, na ausência do outro, não se constrói homem.

Para Vygotski, a formação se dá numa relação dialética entre o sujeito e a sociedade ao seu redor, ou seja, o homem modifica o ambiente e o ambiente modifica o homem. Vygotski vê possibilidades no desenvolvimento da aprendizagem de pessoas com deficiência, valorizando as potencialidades de cada aluno. Lima, Araújo e Moraes (2010, p. 406), examinaram Fundamentos de Defectologia e confirmaram a tese de Vygotski que um “defeito” é muito mais social que biológico. Eles destacam que é fundamental estudar a criança com “defeito” à luz das leis do materialismo dialético, porque é o ser humano, constituído por um sistema social, histórico e da natureza.

- As possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem são ampliadas quando não se encerra o indivíduo às suas dificuldades. Buscando compreender a criança cujo desenvolvimento está complicado pela deficiência, podemos dizer que não é uma criança menos desenvolvida, mas que se desenvolve de maneira diferente, de acordo com o seu ritmo e potencial.
- O funcionamento humano vinculado a alguma deficiência depende das condições oferecidas pelo grupo social, que podem ser adequadas ou não. O professor tem um papel importante na educação do aluno com NEE. Deve tratá-lo como os demais e não olhar apenas para sua deficiência, mas para as possibilidades de vencer suas defasagens.
- Por meio dos estudos dos textos de Vygotski, que possuem um referencial teórico mais abrangente, os professores podem compreender a formação profissional a partir do trabalho real, das práticas decorrentes no contexto de trabalho, enriquecendo suas práticas. Costas e Selau(2018, p.405),

salientam que a teoria de Vygotski pode oferecer elementos para entender processos de desenvolvimento e aprendizagem dos indivíduos, bem como, a articulação entre esses processos e as peculiaridades que envolvem deficientes.

- O indivíduo tem a capacidade de criar processos adaptativos com o intuito de superar os impedimentos que encontra. Apesar de o organismo possuir, em potencial, essa capacidade de superação, ela

só se realiza a partir da interação com fatores ambientais, pois o desenvolvimento ocorre no entrelaçamento de fatores externos e internos. Vygotski vê possibilidades infindáveis no desenvolvimento da aprendizagem de pessoas com deficiência ao apontar a necessidade de se valorizar as potencialidades, os processos compensatórios desencadeados pela deficiência; enfatizando a capacidade em detrimento ao déficit.

3. A DEFECTOLOGIA DE VYGOTSKI: ALGUMAS CONCEPÇÕES DA SUA PRIMEIRA FASE DE INVESTIGAÇÕES

Este capítulo apresenta algumas noções sobre a defectologia de Vygotski, referentes à sua primeira fase de investigações. Destacar estes aspectos teóricos é fundamental, uma vez que eles formaram a base teórica de todo o processo interventivo.

Começa-se com a pergunta o que é a defectologia? Vygotski definiu a defectologia como “la rama del saber acerca de la variedad cualitativa del desarrollo de los niños anormales, de la diversidad de tipos de este desarrollo” (VYGOTSKI, 1997d, p. 37). Kozulin e Gindis (2007) afirmam que o termo defectologia significa simplesmente estudo de defeitos.

Em relação ao termo defectologia, Gindis (2003, p. 200), explica que:

[d]efectologia é o termo que reflete a área de pesquisa e prática de Vygotski que é relevante para a educação especial contemporânea e a psicologia escolar. O termo em si parece bastante degradante. (...) este termo não sobreviveria a uma discussão científica no mundo ocidental hoje porque carrega muitas conotações negativas em relação aos indivíduos com deficiência. Ironicamente, o tom negativo do termo em si não está de forma alguma presente na atitude inspiradora e positiva dos textos de Vygotski.

A maioria dos autores que trabalham com a abordagem vygotskiana da defectologia ainda usam esse mesmotermo (ver, por exemplo, SELAU, 2015; SELAU e DAMIANI, 2016) para preservar a autenticidade das noções propostas por Vygotsky, e para evitar possíveis erros conceituais.

Embora esse nome remeta ao termo *defeito*, não era essa a intenção do autor, de diminuir a pessoa. Vygotski centralizava seu trabalho nas possibilidades dos sujeitos e não nos seus déficits ou limitações. Para Vygotski qualquer problema de desenvolvimento é uma fonte de crescimento, um defeito ou problema físico, qualquer que seja sua natureza, desafia o organismo para sua melhora. Para Van Der Veer e Valsiner (1996, p. 84):

[...] as crianças em desenvolvimento tornavam-se não mais desenvolvidas, mas desenvolvidas de um modo diferente, fazendo uso de um outro conjunto de instrumentos. Vygotski, conseqüentemente opunha-se a todos os procedimentos diagnósticos que fossem baseados em uma abordagem puramente quantitativa.

De acordo com Costas e Selau (2018): Os primeiros trabalhos sobre defectologia foram publicados em 1924 (BEIN *et al.*, 1997; COSTAS; TONINI, 2008). A área da defectologia, baseada em estudos teóricos e experiências (BARROCO, 2007), foi ressignificada, tornando-se a vanguarda derivada de novas formas de olhar no currículo e metodologia projetada pelas escolas para pessoas com deficiência no passado da Rússia.

The first work on defectology was published in 1924 (BEIN *et al.*, 1997, COSTAS and TONINI, 2008). The area of defectology, based on theoretical studies and experiences (BARROCO, 2007), has reaffirmed the status of defectology, which has become the vanguard derived from new ways of looking at the curriculum and methodology designed by schools for people with disabilities in Russia's past (COSTAS; SELAU, 2018, p.402).

Os textos da defectologia de Vygotski estão divididos em três fases (SELAU, 2013). Selau (2013), em sua tese, argumenta sobre a reorganização dessas três fases nos estudos de Vygotski sobre a cegueira. Elas, ao mesmo tempo em que evidenciam as mudanças do pensamento do autor, mostram: na primeira fase, a importância que atribuiu à educação social de cegos (SELAU, 2013, p.14).

Estes primeiros escritos de Vygotski acerca da defectologia relatam reflexões e análises acerca da possibilidade de desenvolvimento e aprendizagem de crianças com deficiência, de natureza física ou intelectual. De acordo com Van Der Veer e Valsiner (2006, p. 74):

Uma das características destes primeiros escritos foi a importância da educação social de crianças deficientes e no potencial da criança para o desenvolvimento normal. Ele afirma que todas as deficiências corporais, seja a cegueira, surdo-mudez ou um retardo mental congênito afetam, antes de tudo, as relações sociais das crianças e não suas interações diretas com o ambiente físico. O defeito orgânico manifesta-se inevitavelmente como uma mudança na situação social da criança.

Para Vygotski o social é a principal diferença entre os animais e os seres humanos. Ele raciocinava que, para os seres humanos, em contraste com os animais, um defeito físico jamais afetará a personalidade do sujeito diretamente (VAN DER VEER e VALSINER, 2006).

De acordo com Van Der Veer e Valsiner (2006), Vygotski argumenta que as crianças participando da vida social em todos os seus aspectos, iriam, em um sentido metafórico, superar sua cegueira e sua surdez:

A cegueira e a surdez não eram nada mais do que a falta de uma das possíveis vias para a formação de reflexos condicionados com o ambiente. O olho não é nada mais do que um instrumento, servindo a determinada atividade, que pode ser substituído por outro instrumento (VAN DER VEER e VALSINER, 2006, p. 76).

Stetsenko e Selau (2018) salientam que:

Vygotsky, em sua "defectologia", considerou que a experiência social como antecedente inevitável da consciência humana - enfatiza que o ambiente social da deficiência é fundamental para a constituição da personalidade (STETSENKO; SELAU, 2018, p. 331, grifo do autor).

A partir desde momento, serão apresentados cada um dos capítulos utilizados no decorrer da intervenção. Inicia-se com o capítulo "Acerca de la psicología y la pedagogía de la defectividad infantil" (VYGOTSKI, 1997a). Neste texto, o autor aborda a defectologia em conexão com a pedagogia, examinando a correlação entre o biológico e o social da criança deficiente cega, abordando questões do ensino da linguagem para o deficiente surdo mudo e o problema da deficiência mental. Vygotski (1997a, p. 73) salienta que:

Cualquier insuficiencia corporal sea la ceguera, la sordera o la debilidad mental congénita no sólo modifica la relación del hombre con el mundo, sino, ante todo, se manifiesta en las relaciones con la gente. El defecto orgánico se realiza como anormalidad social de la conducta. Incluso en el seno de la familia, el niño ciego y el sordo es sobre todo un niño especial, surge hacia él una actitud excepcional, inhabitual, que no es la misma que hacia los otros hijos.

Segundo Vygotski, a criança nasce apenas com recursos biológicos, mas a partir de sua convivência em sociedade, ligada à sua cultura e aos seus valores, o processo de humanização é concretizado. Conforme o autor, "[e]s preciso plantear y comprender el problema de la defectividad infantil, en la psicología y la pedagogía, como un problema social" (VYGOTSKI, 1997a, p. 74.).

A ênfase é na importância da educação social de crianças deficientes e no potencial da criança para o desenvolvimento normal, Vygotski (1997a, p.81) comenta que “[a] educación especial debe estar subordinada a la social”.

Stetsenko e Selau (2018) argumentam que:

Socializar e integrar plenamente todas as pessoas para participar das práticas socioculturais de suas comunidades, em vez de reparar quaisquer "defeitos" atribuídos a elas, era o principal objetivo da "nova pedagogia social" delineada por Vygotsky como substituta de "velhos e ultrapassados sistemas de Adão". "que estavam reforçando a" psicologia do separatismo (STETSENKO e SELAU, 2018, p. 326, grifo do autor).

A deficiência era entendida como uma característica que inferiorizava o indivíduo, que o colocava em uma situação de descrédito social. Essa situação poderia provocar uma mudança de atitude nas pessoas com quem o deficiente se relacionava. Ao opor-se a esta compreensão, Vygotski, citado por Stetsenko e Selau (2018, p. 325), entendia que:

Uma criança cujo desenvolvimento é impedido por um defeito não é simplesmente uma criança menos desenvolvida do que seus pares, mas uma criança que se desenvolveu de maneira diferente.

O meio social e os estímulos proporcionam desenvolvimentos fundamentais para o indivíduo. Na escola, a relação com professores e colegas vai permitir ao aluno um maior desenvolvimento, mediado por instrumentos e signos que o ajudam a dinamizar sua aprendizagem. Vygotski (1997e, p. 47) salienta que:

La educación de niños con diferentes defectos debe basarse en que, simultáneamente con el defecto también están dadas las tendencias psicológicas de orientación opuesta, están dadas las posibilidades compensatorias para superar el defecto y que precisamente son estas las que salen al primer plano en el desarrollo del niño y deben ser incluidas en el proceso educativo como su fuerza motriz.

A superação das dificuldades vai impulsionar o surgimento do processo compensatório. Assim, se o ambiente oferece à criança condições de desafiar seus próprios limites e de avançar em seu potencial de desenvolvimento, com métodos, técnicas, estímulos e instrumentos, ela pode conseguir superar os desafios impostos pela sociedade, pois, “La educación social vencerá a la

defectividad” (VYGOTSKI, 1997a, p. 82). A compensação biológica deve ser substituída pela ideia da compensação social do defeito. A psique, especialmente a razão, é uma função da vida social.

No capítulo “Principios de la educación de los niños físicamente deficientes” (VYGOTSKI, 1997b), o autor chama a atenção para os critérios a serem utilizados na estruturação do trabalho na escola para crianças com diversas deficiências. A concepção de mudança do ser humano, que não está sujeito a mudar, gerou na sociedade, e também nos educadores, uma expectativa muito negativa com relação às possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento do aluno com necessidades educativas especiais, o que pode acarretar consequências desastrosas no processo educativo e de intervenção, pois embora existam problemas, existem, também, possibilidades.

La tarea consiste en vincular la pedagogía de la infancia deficiente (pedagogía de sordos, ciegos, oligofrénicos, etc.), con los principios y métodos generales de La educación social; encontrar tal sistema, que permita ligar orgánicamente la pedagogía especial con la pedagogía de la infancia normal (VYGOTSKI, 1997b, p. 59).

Um dos objetivos da educação é promover o desenvolvimento da inteligência, isto implica apostar nas possibilidades de desenvolvimento do sujeito com necessidades educacionais especiais, porque a inteligência não é estática, mas dinâmica, podendo, portanto, evoluir. Entretanto, não é qualquer ensino que promove o desenvolvimento, é necessário que esse processo seja adequadamente organizado, para que as crianças com comprometimentos mais sérios desenvolvam-se para compensar as habilidades que foram perdidas.

Vygotski diz que todo defeito cria estímulo para a compensação e que o ensino da criança com deficiência deve considerar os processos compensatórios, isto é, substitutivos.

La compensación biológica debe ser sustituida por la idea de la compensación social del defecto. La psique, sobre todo la razón, es una función de la vida social. El puro estímulo físico de la luz no es la realidad completa; la interpretación que se la da por medio de la afectividad social y el pensamiento la confiere toda la riqueza de su significado, según la Idea compele a la interpretación social de estos estímulos físicos a trasladarse a otros estímulos y a vincularse con

estos. Puede ser compensada en mayor medida por otros estímulos (VYGOTSKI, 1997a, p. 83).

A compensação e a super compensação, aplicadas nas práticas educativas, visam não somente uma compensação do defeito, mas uma compensação social, cultural, permitindo criar novos caminhos para que as crianças com algum tipo de deficiência superem as suas dificuldades e desenvolvam-se adequadamente. Como exemplifica Vygotski (1997b, p. 60)

Cuando estamos ante un niño ciega como objeto de educación, encaramos no tanto la ceguera en sí, como los conflictos que surgen en el niño ciega cuando entran en contacto con la vida, cuando se produce el desplazamiento de los sistemas que definen todas las funciones del comportamiento social del niño.

No caso do deficiente visual, ele é beneficiado quando realiza um trabalho de colaboração com o vidente. Esta interação proporciona possibilidades para que a aprendizagem aconteça.

La educación del niño deficiente (del ciego, del sordo) es un proceso exactamente igual de elaboración de nuevas formas de conducta, de creación de reacciones condicionadas, que en el niño normal (VYGOTSKI, 1997a, p. 81).

No texto “Princípios de La educación social de los niños sordomudos”, Vygotski (1997r) aborda sobre a educação da criança surda, fazendo algumas ligações sobre aspectos teóricos do trabalho com cegos. Vygotski considera que a deficiência, defeito ou problema não constituiriam, em si, um impedimento para o desenvolvimento do indivíduo. O que poderia constituir esse impedimento seriam as mediações estabelecidas, as formas que lidamos com o problema, negando possibilidades de trocas e relações significativas que possibilitam o crescimento do indivíduo. Para Vygotski (1997c, p. 116):

Antes de pasar a exponer los principios de la educación social de los niños sordomudos, debemos detenernos en algunas premisas científicas básicas del nuevo sistema. Esas premisas se refieren a las particularidades psicofisiológicas del niño sordomudo y al proceso de su educación.

A escola deve estar atenta ao aluno, valorizar seus conhecimentos prévios, trabalhar a partir deles, estimular as potencialidades, dando a possibilidade de este aluno superar suas capacidades e ir além do seu desenvolvimento e aprendizado. Para que o professor possa fazer um bom trabalho, precisam conhecer seu aluno, suas descobertas, hipóteses, crenças, opiniões, desenvolvendo diálogo e criando situações em que o aluno possa expor aquilo que sabe. Assim, os registros e as observações são fundamentais, tanto para o planejamento e os objetivos, quanto para a avaliação. Vygotski (1997c, p. 118) argumenta que: “[P]ara un pedagogo esto implica la exigencia de tomar las tendencias naturales del niño como punto de partida y base de cualquier influencia educativa”.

O autor ainda enfatiza que os instrumentos linguísticos, qualquer que sejam suas formas, determinam o desenvolvimento da linguagem e organizam o pensamento de forma mais estruturada. Na medida em que a criança se expressa e percebe que há um interlocutor procurando entender o que diz, sentirá a necessidade de se organizar, de deixar seu pensamento claro para que seja compreendida. É por meio das palavras que o ser humano pensa e quanto mais possibilidade tiver de interagir verbalmente com outros, mais poderá desenvolver sua linguagem e organizar seu pensamento.

A partir do olhar do outro e de seu estímulo, a criança vai construindo seu próprio olhar sobre o mundo e assimilando os novos conhecimentos que a ela são apresentados. Quando o homem transforma o meio na busca de atender suas necessidades básicas, transforma a si mesmo. De acordo com Oliveira (2000), a criança é a verdadeira construtora do seu conhecimento, que o constrói tanto através do meio cultural e de suas interações, quanto através de um trabalho individual ou coletivo.

Para Selau e Stetsenko (1993), a educação auxilia através da compensação social ao combate dos efeitos que a deficiência produz. Se uma criança cujo desenvolvimento é impedido por um defeito, não significa que é uma criança menos desenvolvida do que as outras, mas é uma criança que se desenvolve de forma diferente, que pode aprender de outra maneira. “A child whose development is impeded by a defect is not simply a child less developed

than his peers, but is a child who has developed differently” (SELAU; STETSENKO, 1993, p.30).

A escola deve procurar desenvolver as habilidades que cada aluno tem. Vygotski citado por Selau e Stetsenko nos diz que:

[o]s horizontes se abrirão aos pedagogos, quando reconhecerem que um defeito não é apenas uma desvantagem, um déficit ou uma fraqueza, mas também uma vantagem, uma fonte de força e capacidades, que tem um significado positivo (SELAU e STETSENKO, 2018, p. 326).

A escola ajuda a o aluno especial em seu desenvolvimento quando proporciona condições favoráveis e eficientes levando-o a vencer e superar suas restrições biológicas. Qualquer que seja o tipo de deficiência ocorrerá mudanças de atitude em relação ao mundo concreto e também nas suas relações sociais. A deficiência não é eliminada, a partir das relações sociais, ela pode ser superada no processo de desenvolvimento das suas funções mentais superiores.

4. CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES A CERCA DA EDUCAÇÃO DE ALUNOS COM NEE

O professor traz consigo crenças e concepções sobre os alunos. Neste capítulo, serão abordadas as compreensões que os professores participantes da pesquisa tinham antes da intervenção e, também, o que passaram a pensar a partir da intervenção.

4.1 Compreensões antes da intervenção: as concepções dos professores prejudicam a inclusão escolar?

Em relação à educação especial, o artigo 3º da Resolução CNE/CEB Nº 2, de 11 de setembro de 2001, especifica que:

Por educação especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional, definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos, que apresentam NEE, em todas as etapas e modalidades da educação básica (BRASIL, 2001, p. 1).

Já a LDB conceitua e orienta a abordagem inclusiva para os sistemas regulares de ensino. No capítulo V, dá ênfase à Educação Especial e, em seu artigo 59, destaca que: “[...] os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades” (BRASIL, 1996).

A educação inclusiva prevê a inserção dos alunos com necessidades educacionais especiais em classes regulares de ensino, independentemente de suas condições físicas, cognitivas ou sensoriais. Procura apoiar as qualidades e as necessidades de cada um e de todos os alunos na comunidade escolar para que se sintam seguros e alcancem êxito. De acordo com a Declaração de Salamanca (1994, p. 11):

A escola inclusiva é o lugar onde todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter, conhecendo e respondendo às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos.

Mesmo existindo leis que garantam o acesso à escola, ainda aparecem casos de discriminação e preconceito. Muitas destas situações acontecem por conta da atuação de medidas que, ao invés de combater a exclusão, acabam por promovê-la, ainda que inconscientemente.

Em virtude desta realidade, muitos professores acreditam que a escola não evoluiu muito, que ainda existe muita discriminação, e que os alunos são colocados de lado, como se observará na observação 3, em que o professor D menciona: “Houve pouca evolução na reestruturação da escola, desde a época da revolução, até os dias atuais, muitos ainda ficam de lado”.

As concepções que o professor tem a respeito das pessoas com deficiência interferem tanto no modo como vêem a inclusão, quanto em relação às suas práticas frente a essa proposta. O professor traz em sua bagagem um repertório de crenças e suposições sobre pessoas com deficiência que influenciam as suas ações na escola, como foi observado na fala das professoras E e D: “As concepções populares acerca da deficiência compreendem o deficiente como um coitadinho, o qual necessita receber favores, mesmo quando isso não é necessário” (OBSERVAÇÃO 1, PROFESSOR E); “Os alunos cegos não têm condições de estarem na escola regular” (OBSERVAÇÃO 2, PROFESSOR D). Na observação 1, o professor F, salienta que:

Os alunos especiais são tratados de maneira diferente dos demais, como incapazes e com sentimento de pena, eu já agi desta maneira. Existe ainda sentimento de pena do aluno deficiente, cedendo-lhe um lugar para sentar no ônibus (OBSERVAÇÃO 1, PROFESSOR F).

Nas escolas ainda existe muito preconceito com os alunos com NEE (OBSERVAÇÃO 1, PROFESSOR G). Na observação 3, o professor E argumenta que “A escola deve desenvolver uma pedagogia, que os alunos especiais não sejam tratados como coitadinhos”. “O aluno especial não é coitadinho, ele é tão possível, tão capaz quanto os outros, isso é o mais interessante de tudo” (OBSERVAÇÃO 5, PROFESSOR L), e também “Acham que porque nasceu cego, não conseguirá desenvolver suas habilidades e não possibilidades de crescimento” (OBSERVAÇÃO 1, PROFESSOR I).

Em muitos casos, os professores têm pena dos alunos especiais, superprotegendo-os e tratando-os como incapazes de estar ou de fazer as atividades, na sala de aula, como os demais alunos. Na observação 6, o professor H nos diz que “Muitos alunos superprotegidos são tratados como incapazes, impossibilitando seu crescimento (OBSERVAÇÃO 6, PROFESSOR H)”, Já na observação 1, o professor C relata que:

Existe ainda sentimento de pena do aluno deficiente, cedendo-lhe um lugar para sentar no ônibus. Muitos acreditam que a culpa desta discriminação é da sociedade: “O maior problema do desenvolvimento das crianças especiais, esta nas barreiras sociais, pois ainda existem muitos preconceitos, descaso e muitas outras barreiras da sociedade (OBSERVAÇÃO 1, PROFESSOR C).

Os professores têm concepções populares sobre a deficiência, isso fica evidente através da seguinte fala: “As concepções populares acerca da deficiência compreendem o deficiente como um coitadinho, o qual necessita receber favores, mesmo quando isso não é necessário (OBSERVAÇÃO 1, PROFESSOR E)”. Na observação 1, o professor E, contou a história que vivenciou dentro de ônibus. “Um motorista parou o ônibus e deu uma bronca ao ver que ninguém cedeu lugar ao deficiente visual. O motorista do ônibus fez críticas aos passageiros de um coletivo quando um passageiro cego teve que ficar de pé porque ninguém ofereceu lugar para ele se sentar. A bronca do motorista constrangeu os passageiros, e logo alguém ofereceu seu lugar”. Na observação 3, o professor J diz que:

Na minha concepção, os alunos especiais, não devem ser tratados como pobrezinhos, coitadinhos e incapazes, não devem ser colocados de lado. Os outros alunos fazem os trabalhos artísticos e os especiais vendem, porque eles acreditam que o especial, não tem capacidade para fazer e criar, isto está totalmente errado(OBSERVAÇÃO 3, PROFESSOR J).

Em muitos casos, os alunos passam por situações de sofrer desrespeito por causa de sua deficiência. Isso está imbuído na fala dos educadores: “Acho que os alunos cegos prejudicam os ditos normais e que não deveriam estar juntos na escola regular (OBSERVAÇÃO 4, PROFESSOR F)”. Na observação 2, o professor F disse: “Muitos professores acreditam que os alunos por

apresentar biologicamente muitos comprometimentos não terão condições de avançar na aprendizagem”.

A discriminação com o deficiente estende-se também à sociedade, que acredita que eles não poderão ocupar seu espaço, buscar autonomia e até ter um trabalho. De acordo com as falas das professores, fica evidente que: “Atualmente falta para as pessoas terem mais sensibilidade, respeito com os deficientes e acreditarem que eles também devem ter seu espaço e podem desenvolver algum tipo de trabalho” (OBSERVAÇÃO 1, PROFESSOR B), e que “muitas empresas não contratam deficientes para trabalhar, pois acreditam que perderão crescimento na produção ou no atendimento, empregando pessoas deficientes em suas empresas (OBSERVAÇÃO. 4, PROFESSOR C).

Na observação 1, o professor I menciona: “Acham que porque nasceu cego, não conseguirá desenvolver suas habilidades e não possibilidades de crescimento”.

A discriminação acontece dentro da escola, quando as crianças são vistas de maneira diferente equando o defeito orgânico é visto como uma anormalidade social do comportamento. Isto acaba prejudicando o aluno para o resto da vida, até quando for adulto e for arrumar um trabalho (OBSERVAÇÃO 5, PROFESSOR H). Na narrativa 3, o professor G, nos diz:

A concepção de ver a anormalidade unicamente como uma enfermidade e que devemos de alguma forma superar esse mito existente, para tanto o cego, surdo-mudo ou deficiente mental não deve ser medido com o mesmo padrão que o normal. Vygotski nos mostra através de seus textos que é possível através do social realizar o desenvolvimento destes alunos dentro da escola, pois é o melhor lugar, para estes alunos estarem. Embora a escola ainda não esteja totalmente pronta, pois falta muito apoio da secretaria de educação, dos governantes e de outras áreas como a saúde (NARRATIVA 3, PROFESSOR G).

Os professores argumentaram que a culpa pela discriminação é da sociedade e que alguns deficientes não deveriam estar na escola regular, pois são incapazes de aprender. Ainda existem alguns preconceitos com relação a estes alunos, nem sempre são respeitados em função das suas diferenças. Às vezes são ignorados na sala de aula, abandonados ou rejeitados pelos colegas. De acordo com os professores, os alunos com NEE não conseguiam acompanhar a turma sob o ponto de vista da aprendizagem de conteúdos e,

por isso, deveriam ser afastados da convivência com os demais. Os autores Selau, Hammes e Damiani (2015, p. 105) argumentam que:

No PNEDH (Brasil, 2007), observa-se que a promoção de uma educação de boa qualidade para todos é um direito humano essencial. Essa ideia implica considerar que todos os debates educacionais deveriam levar em consideração os direitos humanos porque, sem isso, tais debates podem resultar lacunares. O documento destaca, ainda, que “é dever dos governos democráticos garantirem a educação de pessoas com necessidades especiais” (Brasil, 2007, p. 11) e que, nos processos educacionais, há necessidade de se considerar a diversidade dos estudantes, incluindo nele as pessoas com deficiência. Como ação programática para a educação superior, o PNEDH (Brasil, 2007) prevê que se elaborem políticas de educação inclusiva que oportunizem o acesso e a permanência de deficientes nesse nível de ensino.

As concepções prejudicam a inclusão quando os alunos são vistos como incapazes, seja pela condição orgânica apresentada, ou qualquer outro acontecimento que contribua para a produção de estigmas, privando de experiências de aprendizado e desenvolvimento a partir de vivências e interações. O que os professores pensam sobre a inclusão dos alunos NEE acaba prejudicando o aluno de estar e ser bem atendido na escola regular. Para Selau, Hammes e Damiani (2015, p. 107):

As formas de comportamento docente que podem ser consideradas desrespeitosas em relação aos direitos humanos de seus alunos pode-se citar o tratamento desigual, gerado pelo preconceito.

Dentro dos achados desta pesquisa, as concepções podem ser determinantes no desempenho dos alunos com NEE. Sentindo pena, repúdio ou determinando que esses indivíduos sejam incapazes de realizar quaisquer atividades, estaremos colaborando para a permanência da exclusão dentro da sala de aula.

4. 2 O que os professores passaram a pensar, a partir da intervenção

Neste capítulo serão abordadas as seguintes discussões: o que os professores passaram a pensar a partir da intervenção; o papel da escola na inclusão dos alunos com NEE; a tomada de consciência através da defectologia

de Vygotski; e como a formação por meio dos estudos de Vygotski auxiliou na mudança de postura dos professores.

4.2.1 O papel da escola na inclusão dos alunos com NEE

O processo de inclusão de aluno com NEE é um grande desafio para os professores, pois cabe a eles construírem novas propostas de ensino para todos. Na observação 1, o professor A fala que:

A escola tem um papel muito importante no desenvolvimento dos alunos especiais, deve buscar alternativas para ajudá-lo e também a escola regular pode oferecer aos alunos especiais maiores possibilidades de desenvolvimento, através da colaboração nos momentos sociais(OBSERVAÇÃO 1, PROFESSOR A).

Os sistemas de ensino devem se organizar para, além de assegurar as matrículas, garantir a permanência de todos os alunos, sem perder de vista a intencionalidade pedagógica e a qualidade do ensino. Um dos fatores importantes para que ocorra a inclusão dos alunos com NEE na escola regular é a formação de professores. É através da capacitação e trocas de experiências que o professor encorajado vence as barreiras da inclusão, e, principalmente, de suas concepções sobre os alunos com NEE.

De acordo com Vygotski, o desenvolvimento cognitivo do aluno se dá por meio da interação social, ou seja, de sua interação com outros indivíduos e com o meio. Na observação 3, o professor F destaca: “O ambiente social é tudo, dentro de um contexto social, a criança desenvolve suas habilidades, que todos têm. A escola deve ajudar a estimular todos os alunos”. Lembra do texto lido que “a educación social vencerá a defectividad (Vygotski, 1997a, p. 82)”.

A interação entre os indivíduos possibilita a geração de novas experiências e conhecimentos, através da troca de experiências e ideias. A aprendizagem é uma experiência social, mediada pela utilização de instrumentos e signos, de acordo com os conceitos utilizados pelo próprio autor. Na observação 2, o professor M salienta que:

Isso acontece com o trabalho que está sendo desenvolvido aqui na escola, com os autistas, muitos estão sendo inseridos, estão desenvolvendo o social, os colegas auxiliam estes alunos, fazendo troca de ideias, porque ainda não despertaram para aprendizagem da

leitura e escrita, estão sempre precisando de um olhar especial(OBSERVAÇÃO 2, PROFESSOR M).

Para que os objetivos do processo de inclusão sejam alcançados, deve haver mudanças no processo de inclusão escolar dentro da escola, realizando uma reflexão comprometida e responsável pelos envolvidos. De acordo com o professor E (OBSERVAÇÃO 5) “a escola precisa rever suas práticas, pois os alunos especiais precisam de estímulos variados para aprenderem”.

Considerando a importância do professor como agente principal no ensino educativo e inclusivo, é necessário analisar e avaliar o seu papel, sua qualificação, atitudes e habilidades sociais frente à inclusão dos alunos com NEE. Também é importante analisar o processo de aprendizagem, viabilizando a inclusão destes sujeitos de maneira eficaz e satisfatória. Para a observação 1, o professor F, diz que:

A aprendizagem é uma experiência social, a qual é mediada pela interação entre a linguagem e a ação, a pedagogia social, que desenvolve várias habilidades, proporcionando a transformação dos alunos (OBSERVAÇÃO 1, PROFESSOR F).

A deficiência estimula o organismo a desencadear processos de compensações, tornando, assim, a criança mais ativa e receptiva ao ambiente. É importante destacar que o meio social e os estímulos são fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo. A relação dessa criança com o professor e os colegas vai permitir uma socialização maior, tornando a aprendizagem mais dinâmica.

Na narrativa 3, o professor C, salienta que:

O conhecimento é o produto da interação entre a pessoa e o meio, mas o meio entendido como algo social e cultural, não apenas físico. Todos os processos da comunicação, da linguagem e raciocínio, são adquiridos primeiramente em um contexto social. O aluno é quem vai construindo seu próprio caminho e o professor é quem o acompanha ao longo do caminho. O que uma criança pode fazer hoje com ajuda será capaz de fazer por si mesma amanhã. O professor é um facilitador do processo de ensino aprendizagem e deverá melhorar os métodos e as técnicas para que ela ocorra (NARRATIVA 3, PROFESSOR C).

Na observação 6, o professor D, menciona que fica evidente que “A educação precisa passar por uma transformação nos planejamentos e metodologias de trabalho, buscando suportes na área da saúde, quando necessário”.

A escola realiza o acolhimento do aluno com NEE, mas não é suficiente apenas esse acolhimento, é necessário que a escola tenha condições efetivas de aprendizagem e desenvolvimento de suas potencialidades. É um grande desafio, fazer com que a inclusão ocorra, sem perder de vista que além das oportunidades, é preciso garantir o avanço na aprendizagem. Incluir pessoas com NEE na escola regular pressupõe uma grande reforma no sistema educacional. Isto implica na flexibilização ou adequação do currículo, com modificação das formas de ensino, metodologias, avaliação e acessibilidades para todas as pessoas. “A escola regular deverá oportunizar para os alunos com necessidades educacionais especiais, dinâmicas e metodologias que permitiram o seu avanço (OBSERVAÇÃO 2, PROFESSOR C)”. Na observação 4, o professor M destaca que a escola deve:

Estabelecer critérios para a estrutura de trabalho educativo e pedagógico em instituições para crianças com várias anomalias de desenvolvimento, em que os princípios da organização e do sujeito do trabalho estão expostos pedagógicos com as crianças anormais (OBSERVAÇÃO 4. PROFESSOR M).

Associar a deficiência ao defeito prejudica seriamente o aluno NEE. A deficiência devia ser valor e não problema na escola. Incluir um aluno deficiente é permitir e desejar que ele participe de todas as atividades da escola, como todo e qualquer aluno. A deficiência na escola era entendida como um defeito, uma característica que inferiorizava o indivíduo, que o colocava em uma situação de descrédito social, o que poderia provocar um sentimento de inferioridade, prejudicando seriamente seu desenvolvimento. De acordo com o professor L, na observação 2, “A cegueira é uma condição e não um defeito” e “A discriminação acontece dentro da escola, quando as crianças são vistas de maneira diferente, o defeito orgânico é visto como uma anormalidade social do comportamento (OBSERVAÇÃO 5, PROFESSOR L)”.

A escola inclusiva para todos deve proporcionar momentos interativos entre os colegas, buscando a superação das dificuldades de cada aluno e o

sucesso destes alunos com NEE. Na observação 1, o professor A nos diz que “Quando um sentido torna-se ausente, a pessoa busca outras formas de interação com os outros sentidos”. É na escola inclusiva que pode ocorrer o aprendizado do respeito às diferenças, auxiliando para que os alunos possam tornar-se capazes de possuir autonomia frente ao conhecimento construído socialmente, para exercerem plenamente sua cidadania.

Nas seguintes falas, podemos perceber isto: “O desenvolvimento do aluno com NEE acontece dentro do meio social, mais propriamente na escola. (OBSERVAÇÃO 1, PROFESSOR B). “A escola desenvolve na pedagogia social, uma leitura de mundo (OBSERVAÇÃO 2, PROFESSOR D)”. A escola está sempre se construindo e se reconstruindo para melhor atender todos os alunos. Alarcão (2011) diz que: “[...] a escola nunca está verdadeiramente feita. Encontra-se sempre em construção, em desenvolvimento [...]”.

Na convivência social, os alunos desenvolvem-se muito mais, pois interagem de maneiras variadas com o todo. Para o professor K, na observação 2, “os alunos que estão, apenas na escola especial, ficam muito segregados, apenas convivendo com os alunos especiais” e “os alunos especiais que convivem com os videntes na escola regular, aprendem muito mais, fazendo novas descobertas. A criança tem tudo para se tornar ativa na vida social” (OBSERVAÇÃO 2, PROFESSOR K). No pensamento professor A, na observação 1, “as pessoas com deficiência visual, a falta da visão faz com que outros sentidos sejam estimulados”.

O professor é um facilitador do processo de ensino aprendizagem e deverá melhorar os métodos e as técnicas para que ela ocorra. Para a narrativa 3, o professor C, nos diz que:

O conhecimento é o produto da interação entre a pessoa e o meio, mas o meio entendido como algo social e cultural, não apenas físico. Todos os processos da comunicação, da linguagem e raciocínio, são adquiridos primeiramente em um contexto social (NARRATIVA 3, PROFESSOR C).

O aluno é quem vai construindo seu próprio caminho e o professor é quem o acompanha ao longo do processo. O que uma criança pode fazer hoje com ajuda será capaz de fazer por si amanhã, e que “através da natureza, o aluno aprende e compensa suas defasagens através de outros sentidos

(OBSERVAÇÃO 3, PROFESSOR J). O professor deve mediar a aprendizagem utilizando estratégias que levem o aluno a tornar-se independente, instigando o seu potencial, estimulando o trabalho com grupos, no social, utilizando técnicas para motivar, facilitar a aprendizagem e diminuir a sensação de solidão.

Na formação os estudos confirmaram a grande influência que o ambiente social tem para promover o desenvolvimento de todas as crianças com necessidades educacionais especiais. Vygotski propõem examinar as possíveis limitações dessas crianças, buscando uma visão, que leve à constatação de que, existem problemas, mas também existem possibilidades. Encarar que os problemas podem ser uma fonte de crescimento, e que o defeito age como um incentivo para aumentar o desenvolvimento de outras funções no organismo, ele ativa, desperta o organismo para redobrar as atividades, que compensará o defeito e superará a dificuldade (NARRATIVA 3, PROFESSOR A).

O papel do professor é também o de ampliar os currículos, fazendo com que se flexibilizem diante das diferenças de seus alunos e deixe de lado a visão conservadora, destacando a inclusão como inserção social, que tenha como objetivo de apoiar na construção do saber, semeando uma escola integrada na inclusão. No processo de inclusão, faz-se necessário a formação dos professores, contribuindo para que haja as mudanças necessárias exigidas pela educação inclusiva.

O trabalho docente com portadores de necessidades educativas especiais na contemporaneidade deve combinar estes dois aspectos, o profissional e o intelectual, e para isso se impõe o desenvolvimento da capacidade de reelaborar conhecimentos. Desta maneira, durante a formação inicial, outras competências precisam ser trabalhadas como elaboração, a definição, a reinterpretação de currículos e programas que propiciem a profissionalização, valorização e identificação docente (PIMENTA, 2002, p. 131-132).

De acordo com a narrativa 3, o professor J menciona que

Através dos estudos de Vygotski conhecemos a importância da escola e do professor na aprendizagem dos alunos com necessidades especiais. O professor precisa trabalhar em conjunto com os demais segmentos da escola (sala de AEE, coordenação, pais e monitores). A inclusão só ocorre se tiver também a socialização entre os alunos facilitando a aprendizagem. O aluno especial, dependendo da sua deficiência, quando estimulado, consegue desenvolver suas habilidades, através dos outros sentidos.

Todos os alunos são capazes de aprender, o sistema escolar é que deve procurar ajudar o aluno a vencer suas dificuldades e a socialização é o primeiro passo para a aprendizagem.

A partir da intervenção, os professores passaram a pensar de maneira diferente, enfatizando que os alunos com NEE devem ser estimulados em suas defasagens, como os demais; que eles não devem ser colocados de lado na sala de aula, sendo oportunizadas atividades diferenciadas. Além disso, os professores também destacaram que os alunos com NEE devem ser cobrados e devem ser ofertadas atividades necessárias para seu desenvolvimento, que eles devem ser cobrados, obedecerem a regras e terem limites, não podendo ser tratados como coitadinhos ou pobrezinhos.

4.2.2. A tomada de consciência por meio da defectologia de Vygotski

Todos os seres humanos possuem pontos fortes e outros que precisam ser desenvolvidos e aperfeiçoados, identificá-los é fundamental para evoluir. E isso só se torna possível através da tomada de consciência, pois é por meio dela que o indivíduo perceberá o que acontece em seu interior. Sentir raiva, medo e alegria são sentimentos comuns a todos, contudo, uma pessoa autoconsciente conseguirá gerenciar essas emoções dentro de si com mais eficácia e utilizá-las de forma muito mais construtiva.

A escola auxilia para que os alunos tenham acesso à cultura e ao ensino sistematizado como instrumentos mediadores para passar do conhecimento espontâneo ao conhecimento científico, fazendo com que os alunos tomem consciência de si e do mundo em que estão inseridos e que façam compensações de suas deficiências. Vygotski (1991, p. 3) diz que:

A própria consciência ou a tomada de consciência, dos nossos atos e estados, deve ser interpretada como sistema de transmissores de uns reflexos a outros que funcionam corretamente em cada momento consciente. Quanto maior seja o ajuste com que qualquer reflexo interno provoque uma nova série em outros sistemas, mais capazes seremos de prestar-nos contas de nossas sensações, comunicá-las aos demais e vivê-las, senti-las, fixá-las nas palavras.

Na narrativa 4, o professor B diz que:

A cultura desempenha um papel muito importante no desenvolvimento dos processos mentais, Vygotski, diz que a criança precisa estar na escola regular para desenvolver melhor suas habilidades. O social e cultural deverão andar juntos para que ocorra o processo de inclusão, o desenvolvimento cognitivo das crianças acontece graças aos adultos, a criança começa a perceber o mundo através dos seus olhos, mas também através da sua fala.

A consciência é um todo único e suas funções particulares são interligadas. Vygotski aponta para uma compreensão de tomada de consciência não como um reflexo, mas como um entrelaçamento de reflexos, ressaltando a importância da fala como constituidora da consciência e a relação com o outro como constitutiva do “eu” a partir do “eu” alheio. Indica que

[...] la propia conciencia o la toma de conciencia de nuestros actos y estados debe ser interpretada como un sistema de mecanismos transmisores de unos reflejos a otros que funcionan correctamente en cada momento conciente (VYGOTSKI, 1997f, p. 10).

Na formação pedagógica, com ênfase nas concepções sobre os alunos com NEE, foi realizada a tomada de consciência, refletindo sobre suas práticas educativas na referida escola. A tomada de consciência surge como uma resposta ao comportamento da pessoa. Na narrativa 3, o professor E comenta que:

Os textos de Vygotski levaram-me à constatação de que, se existem problemas, mas que também existem possibilidades e que os problemas podem ser uma fonte de crescimento. Vygotski diz que, todas as crianças podem aprender e se desenvolver, mesmo que tenha as mais sérias deficiências, podem ser compensadas com ensino apropriado.

A tomada de consciência vem pela porta dos conceitos científicos, mediante a formação do pensamento teórico, e ocorre quando o objeto do pensamento é a própria atividade da consciência. “[...] a tomada de consciência vem pela porta dos conceitos científicos” (VYGOTSKI, 1993, p. 214).

Na narrativa 3, o professor J nos diz que:

Através dos estudos de Vygotski tivemos consciência da importância da escola e do professor na aprendizagem dos alunos com necessidades especiais, deixar a deficiência pelo defeito. O professor

precisa trabalhar em conjunto com os demais segmentos da escola (sala de AEE, coordenação, pais e monitores). A inclusão só ocorre se tiver também a socialização entre os alunos facilitando a aprendizagem. O aluno especial, dependendo da sua deficiência, quando estimulado, consegue desenvolver suas habilidades, através dos outros sentidos. Aprendi que todos os alunos são capazes de aprender, o sistema escolar é que deve procurar ajudar o aluno a vencer suas dificuldades e a socialização é o primeiro passo para a aprendizagem, buscando diversificar o seu trabalho.

É necessário tomar consciência de nosso próprio pensamento, de nossos motivos, de nossas ações, de nossa história pessoal e social, para que possamos decidir livremente o que desejamos seguir nas nossas vidas e na sociedade como um todo. Com a formação, algumas mudanças foram percebidas por meio da tomada de consciência. Na narrativa 3, o professor D salienta que:

Os estudos de Vygotski auxiliaram a rever as relações com o deficiente, a possibilidade de, através da inclusão, desenvolver outras potencialidades de aprendizagem. O aluno com necessidades educacionais especiais tem direito e deve estar na escola, é onde ela se desenvolve melhor, na convivência com as outras crianças. Cada criança tem seu tempo de amadurecimento, quando a criança com deficiência é estimulada, desde cedo, ela consegue desenvolver mecanismos de compensação, que superam as dificuldades encontradas pela limitação. Com a interação no meio social e os estímulos proporcionados, o desenvolvimento de outras habilidades se torna realidade. Por isso é importante um ambiente que ofereça condições de aprendizagem desde a infância. Quanto mais cedo for detectado o problema e oportunizado meios de convivência social, recursos adequados para a estimulação, melhores possibilidades de superação (NARRATIVA 3, PROFESSOR D).

Na narrativa 3, o professor D enfatiza que: Através dos textos da defectologia de Vygotski, Acerca de La psicología y la pedagogía de la defectividad infantil (1997a), Principios de la educación de los niños físicamente deficientes (1997b) e Principios de la educación social de los niños sordomudos (1997c), foi constatado que o aprendizado da criança depende da compreensão dos homens, como um ser que se forma em contato com a sociedade, e que a aprendizagem acontece quando há uma relação entre o homem e a sociedade. O professor é o mediador deste processo, tão importante para o desenvolvimento do ser humano, esta relação do indivíduo com o mundo é feita através de instrumentos que a escola pode proporcionar.

A teoria de Vygotski está relacionada aos processos de mediação, seja nos aspectos do desenvolvimento e da aprendizagem, seja na apropriação da cultura produzida historicamente pelo homem. É na relação entre sujeito-objeto e sujeito-sujeito que ocorre o desenvolvimento e a aprendizagem do ser humano, mediados pelos instrumentos e signos. O desenvolvimento mental humano depende do desenvolvimento histórico e das formas sociais humanas, logo:

A cultura é, portanto, parte constitutiva da natureza humana, já que sua característica psicológica se dá através da internalização dos modos historicamente determinados e culturalmente organizados de operar com informações (REGO, 1995, p, 42).

No campo da formação de professores isso não é diferente. Se o sentido é constituído e atribuído pelo sujeito no decorrer de sua atividade, é na docência, atividade profissional do professor, que sentido e significado podem coincidir.

Os estudos sobre defectologia de Vygotski foram importantes para os professores. Na narrativa 3, o professor F, diz que:

São importantes para repensar a prática escolar. Não devemos subestimar um deficiente, seja qual for a deficiência que esse possua, pois sabemos o quanto o organismo é fantástico e consegue trocar um sentido pelo outro. Também é verdade sobre a importância do convívio social para essa criança, que aprende a aprender com os outros. Sempre é válido sentar com os colegas e refletir sobre nossa prática, principalmente com a ajuda de um autor que nos mostre que é possível ocorrer à inclusão, seja no desenvolvimento cognitivo ou no social.

Já na narrativa 3, o professor H relata que “por meio dos estudos de Vygotski, pude perceber. Tem alguns casos que não é fácil, mas temos que nos preocupar com o aluno e respeitar seus limites, em vez de achar que irão aprender que nem os outros, pois cada um tem seu tempo para aprender. Hoje consigo perceber que realmente o defeito origina estímulos para a formação de compensação ou superação (NARRATIVA 3, PROFESSOR H)”.

De acordo com o professor H, na narrativa 3:

[...] os textos de Vygotski me auxiliaram a rever as minhas práticas educativas com os alunos NEE e que o aluno inserido na escola, no

meio social, vencerá suas defasagens. A escola deve adaptar-se, de acordo com a realidade de cada aluno. Através da inclusão, todos os alunos aprendem, na convivência, no convívio social, conseguirá aprender. Não podemos associar a deficiência a um defeito. Hoje percebo alguns crescimentos no meu aluno autista, que eu não percebia, até por achar que ele não iria avançar.

A deficiência não deve ser associada ao defeito e os caminhos para a compreensão em relação ao aluno especial devem ser revistos. É importante tomar consciência de que a escola deve trabalhar a desvantagem que o aluno tem, e não simplesmente enfatizar sua deficiência.

A qualidade na educação é o respeito em como se trata a diversidade das pessoas, atendendo às especificidades de todos, não olhando apenas para seus defeitos. Carvalho (2004, p. 26) nos diz que:

É necessário que se reflita sobre o que é inclusão, a quem se destina e onde deve ocorrer, para que esse processo possa tomar seu rumo. As escolas inclusivas são escolas para todos, implicando num sistema educacional que reconheça e atenda as diferenças individuais, respeitando as necessidades de qualquer dos alunos.

O professor deve buscar subsídios para trabalhar com as diferenças, não apenas trabalhando com o defeito do aluno, deve considerar os limites e possibilidades, para que este possa desenvolver-se em todo o seu potencial. O defeito cria um estímulo compensatório, para o professor K, na narrativa 3:

A defectologia de Vygotski e a intervenção pedagógica foca na compensação, o defeito cria um estímulo compensatório, cabe a escola oferecer estratégias e recursos para fazer essa mediação, mas acredito que a nossa escola apresenta muitas dificuldades em desenvolver esses processos compensatórios, já que são poucos recursos que ela dispõem, embora não tenha tido esse desafio na minha vida profissional de trabalhar com um cego, surdo ou ambos, e sim com outras deficiências. Qualquer deficiência que se tenha se manifesta nas relações, principalmente nas famílias. Muitas famílias têm o deficiente como carga pesada ou castigo e em outras famílias o carinho é redobrado, deixando de tratá-lo iguais aqueles que não apresentam deficiência e muitas vezes acabam prejudicando o seu próprio desenvolvimento. O aluno especial não deve ser tratado como coitadinho, superprotegendo-o, que nem fazem muitas famílias. Através dos estudos de Vygotski, o aluno que apresenta uma deficiência em um órgão dos sentidos, o organismo acaba estimulando os demais órgãos, deixando-os mais aguçados para favorecer a deficiência apresentada, qualquer defeito origina estímulos para a formação de compensação ou superação.

Os conceitos científicos representam os conhecimentos sistematizados, adquiridos nas interações escolarizadas. São considerados por Vygotski, como os autênticos conceitos, os verdadeiros. Estão relacionados ao ensino formal e envolvem as noções que surgem sob a influência do processo de escolarização.

Os textos de Vygotski proporcionaram momentos de estudos, de maneira formal, auxiliando na tomada de consciência sobre as situações cotidianas da escola, como clarificar alguns preconceitos ainda existentes na prática pedagógica,

A aprendizagem se constrói através do convívio social, trabalhar com os deficientes significa estimular suas habilidades, não haver sentimento de piedade com o aluno com NEE, oportunizando-lhes atividades que ajude seu desenvolvimento, que tenham noções de suas limitações e queiram vencê-las. O aluno sempre vence e aprende alguma coisa” (NARRATIVA 3, PROFESSOR L).

Na narrativa 3, o professor D argumenta que:

Os estudos de Vygotski auxiliaram a rever as relações com o deficiente, a possibilidade de, através da inclusão, desenvolver outras potencialidades de aprendizagem. O aluno com necessidades educacionais especiais tem direito e deve estar na escola, é onde ela se desenvolve melhor, na convivência com as outras crianças. Cada criança tem seu tempo de amadurecimento, quando a criança com deficiência é estimulada, desde cedo, ela consegue desenvolver mecanismos de compensação, que superam as dificuldades encontradas pela limitação. Com a interação no meio social e os estímulos proporcionados, o desenvolvimento de outras habilidades se torna realidade. Por isso é importante um ambiente que ofereça condições de aprendizagem desde a infância. Quanto mais cedo for detectado o problema e oportunizado meios de convivência social, recursos adequados para a estimulação, melhores possibilidades de superação.

A carreira do professor engloba uma gama de deveres a serem cumpridos, é necessário, então, que ele perceba a importância de se preocupar com a qualidade de sua docência. Para que isso aconteça, o professor deve ter em vista o controle e o conhecimento sobre sua missão, suas características e sua didática.

Na narrativa 4, o professor B, diz que:

O estudo de Vygotski auxilia na prática profissional, na maneira de pensar e de agir, porque muitas vezes há questionamento como o que este aluno está fazendo aqui, ele não consegue acompanhar a turma, será que não seria melhor ele estar na APAE. Se eu tivesse recebido estas instruções poderia ter visto, que para eles o melhor é estar na escola regular aprendendo com as outras crianças. E que eles precisam da APAE, pois em algumas situações precisam dos médicos, para auxiliar no seu tratamento. Mas é através do social, da interação que ocorre a aprendizagem.

Os professores estão constantemente tomando decisões, o que pode acontecer antes, durante ou depois da aula. A prática reflexiva do professor faz com que ele planeje aulas mais atrativas e o habilita a agir de forma determinada, melhorando a prática do ensino.

“Os textos de Vygotski ajudam na compreensão, de como fazer a inclusão escolar e ajudam o professor em seu trabalho, o educador é faz um elo intermediário entre o aluno e o conhecimento disponível no ambiente. A aprendizagem mediada mostra a importância do desenvolvimento dos chamados processos mentais superiores - planejar ações, conceber conseqüências para uma decisão. Vygotski diz que a interação tem uma função central no processo de internalização do conhecimento” (NARRATIVA 4, PROFESSOR D).

Na narrativa 4, o professor D salienta que:

Os estudos auxiliam na mudança de postura, que os alunos especiais devem ser tratados de maneira igual, aos demais, com cobranças e limites quando necessário. Temos que procurar cobrar deles também, pensando que eles darão um retorno, que não são pobrezinhos. Podemos até reduzir conteúdos se for necessário, mas também gradativamente aumentando quando o aluno vai crescendo em sua aprendizagem. Os alunos não devem ser segregados ou adestrados com atividades de pintura, achando que não conseguirão realizar as atividades pedagógicas da sala de aula. O aluno no grupo, aos poucos consegue vencer suas dificuldades, o aluno interage coletivamente e colaborativamente.

Para a narrativa 4, o professor D destaca que:

As concepções dos professores prejudicavam o aluno especial, privavam de terem as mesmas oportunidades que os demais alunos, “eu achava que os alunos deficientes eram incapazes, sem condições de estarem na escola regular, juntamente com os alunos ditos normais. As atividades, para eles desenvolverem, por acreditar que não conseguiriam. Vygotski diz que as leis que regem o desenvolvimento de uma criança deficiente, serão as mesmas de uma criança dita normal, que ambas percorrerão o mesmo caminho educacional.

O mais importante e indispensável para ocorrer à inclusão, é a questão afetiva para vencer todas as barreiras do preconceito e através do amor, nos faz avançar de forma determinante em todos esses aspectos.

A pedagogia de Vygotski é bem forte, enquanto sustentação na aprendizagem, que o especial pode e deve estar na escola regular, procuro sempre tratar meus alunos com amor, eles precisam muito (NARRATIVA 4, PROFESSOR G).

Na narrativa 4, o professor H diz que:

Os estudos contribuíram para que o profissional em sua atuação melhorasse e desenvolvesse atividades relevantes para o desenvolvimento dos deficientes, realizando um trabalho mais criativo, integrando-o melhor no ambiente, levando-os a vencer, reestruturando assim a escola com novos princípios na sociedade. Vygotski diz que o comportamento do homem é formado por peculiaridades e condições biológicas e sociais do seu crescimento. Seja qual for a deficiência, deve ser estimulada na escola. Se eu tivesse estudado a defectologia de Vygotski, antes, muitas coisas teriam melhorado no meu trabalho de educadora.

É necessário estudar para aprender novas alternativas de trabalho, principalmente quem trabalha com alunos com necessidades educacionais especiais, pois nem sempre é fácil de trabalhar com eles, mas é necessária a formação e ter boa vontade. Aceitar as diferenças, e não buscar impedir que os alunos consigam vencer suas dificuldades. Os textos de Vygotski, estudados na formação, auxiliaram mostrando que é possível que eles sempre aprendem algo. “A escola, deve preparar-se para acolher estes alunos, estimulando-os a aprendizagem” (NARRATIVA 4, PROFESSOR I).

Na narrativa 4, professor J nos fala que:

Os textos de Vygotski mostram a importância, de realizar um trabalho pedagógico mais organizado. Vygotski centralizava seu trabalho nas possibilidades dos sujeitos e não nos seus déficits ou limites. Vygotski diz no texto que qualquer problema de desenvolvimento é uma fonte de crescimento, um defeito ou problema físico, qualquer que seja sua natureza, desafia o organismo para sua melhora. A escola tem que proporcionar ao aluno com deficiência, um trabalho diferenciado, com novas práticas escolares, onde o aluno pegue gosto pelo estudo, que não seja um estudo, por estudo, que seja proveitoso, para o crescimento do aluno.

O professor nunca está acabado, os estudos teóricos e as pesquisas são fundamentais para aprimorar seus conhecimentos. É por intermédio desses instrumentos, que os professores terão condições de analisar criticamente os contextos históricos, sociais, culturais e organizacionais, nos quais ocorrem as atividades docentes, podendo, assim, intervir nessa realidade e transformá-la. Trabalhar com alunos com NEE exige busca de novos conhecimentos. Para Vygotski (1997), todos os alunos devem ter um tratamento igualitário. As abordagens, estratégias e recursos é que devem ser diferenciados,

[...] eu me vejo com um olhar de proteção por aqueles que apresentam alguma deficiência. Procuo inserir meu aluno especial na sala de aula, ajudando ele a vencer suas dificuldades. Da superação das dificuldades vai surgir o processo compensatório, desafiando os próprios limites do aluno (NARRATIVA 4, PROFESSOR K).

Na narrativa 4, o professor L, diz que:

Os estudos de Vygotski dão respaldo teórico para uma prática pedagógica, são questões mais atuais embora escritas haja muito tempo, que merecem um estudo mais aprofundado, é muito importante a reunião para tratar específico desses assuntos referentes ao aluno especial, gostei muito da formação, pena que o tempo foi muito curto.

Já o professor M menciona que

[...] se tivesse conhecido os textos de Vygotski, haveria me acrescentado muito, para o desenvolvimento do meu trabalho. Os alunos com necessidades especiais são capazes de produzir toda e qualquer gama de conhecimento e terem uma vida plenamente ativa, desde que sejam proporcionados á eles meios para isso. A aquisição de conhecimentos é realizada por meio de um elo intermediário entre o ser humano e o ambiente (NARRATIVA 4, PROFESSOR M).

No questionário 11, o professor A argumenta:

Os estudos dos textos de Vygotski me auxiliaram na reflexão da minha prática pedagógica, muito importante a organização da mestrandia como professora facilitadora do ensino dos textos, proporcionando encontros alegres e agradáveis.

Já no o questionário 11, o professor B comenta:

Achei a temática de grande relevância para o desenvolvimento profissional docente, o interesse e a dedicação da mestranda também foram muito satisfatórios. A realização da formação no local de trabalho de acordo com as necessidades do grupo onde se teve a oportunidade de olhar para os nossos preconceitos em relação à deficiência e poder ampliar nossos horizontes.

Para o professor C,

A experiência que tive de formação na extensão foi muito boa, no início fiquei preocupada com a apresentação de um texto em espanhol, mas conforme fomos fazendo a leitura foram me apropriando do assunto e achei uma leitura simples e objetiva, de fazer a compreensão, durante os estudos fizemos várias reflexões. Trabalho bem organizado, descontraído. Sugiro continuação dos encontros de formação (QUESTIONÁRIO 11, PROFESSOR C).

No questionário 11, o professor D, fala que:

Gostei muito da formação, a mestranda mostrou-se muito esforçada, procurando ensinar sobre o que Vygotski, pode contribuir para o nosso trabalho da sala de aula. Acho que esta temática deve ser sempre debatida e estudada na escola, minha sugestão é a continuação dos encontros de formação no ano de 2019.

Outro professor complementa que “os encontros proporcionaram momentos de estudo e interação do grupo, foi muito bom e prazeroso. Fazendo uma reflexão, os encontros me ensinaram a lidar com meus erros, meus tabus, com relação ao aluno especial”(QUESTIONÁRIO 11, PROFESSOR E); “os encontros foram favoráveis para nosso crescimento profissional, foi ótimo, adorei” (QUESTIONÁRIO 11, PROFESSOR G). Segundo o professor H:

Durante o curso aconteceu muitas trocas de experiências e vivências, onde os escritos de Vygotski auxiliaram muito na nossa maneira de atuar na sala de aula. Houve um grande envolvimento da mestranda na apresentação do trabalho, proporcionando um ambiente descontraído com lanche. Achei muito importante a participação da equipe gestora da escola, nos encontros, mostrando o interesse pela temática, que é de fundamental importância para a escola. Acho que esses estudos deveriam ser durante todo o ano (QUESTIONÁRIO 11, PROFESSOR H).

No questionário 11, o professor L diz que:

O curso de extensão foi de excelente qualidade, bem programado, atendeu às expectativas e proporcionou uma mudança de paradigmas em relação ao modo como tratamos o aluno que necessita de algum atendimento educacional especializado.

Para o professor M,

O curso foi muito bom, mas sugiro que tenha uma continuidade e que seja de acordo com a realidade de nossa escola. No sentido de falar sobre as necessidades que possuímos. Com o curso aprendi que todos os alunos especiais, podem aprender alguma coisa e também serem estabelecidos todos os limites necessários, como qualquer outra criança, dita normal (QUESTIONÁRIO 6, PROFESSOR M).

Por último, para o professor G, “Os encontros foram favoráveis para nosso crescimento profissional (QUESTIONÁRIO 11, PROFESSOR G)”.

Através da tomada de consciência com os estudos da defectologia de Vygotski o professor percebeu a importância de encontrar soluções viáveis para melhorar seu ambiente de trabalho junto aos alunos, principalmente o aluno com NEE. É necessário conhecer as necessidades do aluno, pois, conhecendo realidades e necessidades, é possível propor uma melhor conduta do docente em sala de aula, sendo adequada a esperada mudança.

4.2.3 A mudança de postura dos professores mediante a formação por meio dos estudos de Vygotski

As formações pedagógicas realizadas a partir dos estudos de Vygotski auxiliaram os professores a reverem suas concepções sobre os alunos com NEE, buscando uma mudança de postura através da tomada de consciência.

Quanto à instrução escolar, a ênfase colocada por Vygotski na importância do ensino sistematizado para o desenvolvimento humano decorreu do reconhecimento do papel e da importância da escola para o avanço da sociedade como um todo, pois é na e pela apropriação dos conteúdos que o homem se constitui enquanto sujeito consciente, crítico e agente da história.

A escola promove uma variedade de relações interpessoais cuja importância para o processo de desenvolvimento do aluno auxilia muito para a formação das funções psicológicas, ou seja, aquelas que fazem uso da mediação da linguagem. Essas interações que o indivíduo estabelece com as

peças que o cercam, seja na escola ou em outro ambiente, exercem, portanto, um papel fundamental no desenvolvimento humano, pois é a partir da internalização dos signos socialmente construídos que as funções intrapsicológicas se constituem, o que vem a ressaltar a gênese social da consciência humana defendida por Vygotski.

Na observação 1, o professor I diz que:

A escola deve rever seus conceitos e preconceitos, eu melhorei muito, hoje vejo meu aluno deficiente, bem diferente, acho que ele é capaz de aprender, junto com demais alunos. Já consigo amar a causa e buscar ensinar com mais paciência e dedicação, coisa que eu achava que muitos não poderiam estar ali na sala de aula(OBSERVAÇÃO 1, PROFESSOR I).

Os textos de Vygotski auxiliaram os professores na mudança de postura:

A gestora da escola percebeu que tudo começa na escola principalmente das nossas atitudes. Esta semana aconteceu uma aluna especial do 1º ano, estava sendo tratada como pobrezinha e coitadinha. Ela estava chorando, então tomei uma atitude mais drástica com ela, quando estava assim, tratei de maneira carinhosa, eu disse, o que o choro não me comove, vem cá, vamos lá lavar esse rosto, levei ela, lavou o rosto e voltou alegre, contente para a sala de aula. Se eu tivesse ficado, tratando ela de coitadinha, ela continuaria fazendo a mesma coisa. Ela deve ser tratada como eu trataria o outro (OBSERVAÇÃO 6, PROFESSOR L).

A formação continuada em serviço também foi destacada como importante. Através das formações o professor obtém auxílio e orientações a respeito do trato com alunos que apresentam NEE. É muito válido realizar as trocas de experiências, através da roda de conversa, estudando um teórico. Outro fator destacado como importante para a inclusão seria a realização de adaptações na infra estrutura dos estabelecimentos escolares. Na narrativa 4, o professor E diz que:“As formações pedagógicas deveriam ser todos os meses, parar para estudar, sempre nos beneficia, e buscar junto a secretaria de educação a adequação necessária para atender estes alunos”.Na observação 4, o professor K diz que:

O trabalho realizado com os alunos especiais, nem sempre é fácil, mas eles também têm direito de estarem na escola, é uma realidade,

não podemos fugir dela. Na escola, eles vão aprendendo como os demais alunos, por isso, os alunos não devem ficar sempre fazendo as mesmas coisas, ficarem, por exemplo, no cantinho pintando, sem uma atividade mais elaborada, eu já fiz isto em algum momento da profissão, hoje vejo que estava totalmente errada. Hoje faço uma análise, vejo que a super proteção dos alunos com necessidades educacionais especiais acaba prejudicando o desenvolvimento do aluno (OBSERVAÇÃO 6, PROFESSOR K).

Percebe-se, após a discussão do tema, que, realmente, alguns professores tinham uma noção um tanto vaga do que seria educação inclusiva. Esclarecimentos foram obtidos através dos textos de Vygotski. Na observação 3, o professor E argumenta que:

A escola deve desenvolver uma pedagogia, que os alunos especiais não sejam tratados como coitadinhos, o aluno especial não devem ser tratados como pobrezinhos, coitadinhos e incapazes, não devem ser tratados como incapazes, não ficarem de lado. Os outros alunos fazem os trabalhos artísticos e os especial vende, porque eles acreditam que o especial, não tem capacidade para fazer e criar, isto está totalmente errado (OBSERVAÇÃO 3, PROFESSOR E).

Na observação 5, o professor L mudou sua postura, quando afirma que “o aluno especial não é coitadinho, ele tem possibilidade para aprender e é tão capaz quanto os outros, isso é o mais interessante de tudo”, e, na observação 6, o professor K fala que: “Muitas vezes nos sentimos incapazes de vencer determinados desafios, como trabalhar com alunos com deficientes, na escola. “Mas com perseverança, força de vontade e dedicação, acaba conseguindo, e percebem que tudo é possível”.

Na narrativa 3, o professor G salienta que:

A concepção de ver a anormalidade unicamente como uma enfermidade e que devemos de alguma forma superar esse mito existente, para tanto o cego, surdo-mudo ou deficiente mental não deve ser medido com o mesmo padrão que o normal. Vygotski nos mostra através de seus textos que é possível através do social realizarem o desenvolvimento destes alunos dentro da escola, pois é o melhor lugar, para estes alunos estarem. Embora a escola ainda não esteja totalmente pronta, pois falta muito apoio da secretaria de educação, dos governantes e de outras áreas como a saúde, nós professores conseguimos fazer muito.

Na narrativa 4, o professor D argumenta que:

Temos que procurar cobrar deles também, pensando que eles darão um retorno, que não são pobrezinhos. Podemos até reduzir conteúdos

se for necessário, mas também gradativamente aumentando quando o aluno vai crescendo em sua aprendizagem. Os alunos não devem ser segregados ou adestrados com atividades de pintura, achando que não conseguirão realizar as atividades pedagógicas da sala de aula.

Através do ambiente social, o aluno, no grupo, aos poucos consegue vencer suas dificuldades e interage coletivamente e colaborativamente. O professor E diz que:

eu achava que os alunos deficientes eram incapazes, sem condições de estarem na escola regular, juntamente com os alunos ditos normais. As atividades, para eles desenvolverem, eram diferentes, por acreditar que não conseguiriam fazer as mesmas que os demais alunos (NARRATIVA 4, PROFESSOR E).

Outro professor comenta: “Vamos criar espaços, onde os surdos e os cegos sejam tratados com igualdade” (OBSERVAÇÃO 2, PROFESSOR A). O professor M relata o que aprendeu:

Com o curso aprendi que todos os alunos especiais podem aprender alguma coisa e também serem estabelecidos todos os limites necessários, como qualquer outra criança, dita normal (QUESTIONÁRIO 11, PROFESSOR M).

A formação pedagógica é um processo de reflexão, que auxilia para que ocorra a mudança de postura, para desenvolver um trabalho mais organizado para os alunos com NEE. De acordo com Sforini e Vieira (2008) o movimento de formação é conhecimento:

Quando dizem que o movimento de desconstrução e de novas elaborações, resultante do confronto entre aquilo que já se conhece – saber cristalizado e difícil de ser abandonado e um outro conhecimento que se desvela, é o que denominamos de “movimento de formação”, condição que propicia uma nova qualidade ao sujeito frente à sua atividade (SFORINI e VIEIRA, 2008, p. 239).

Percebe-se que alguns dos professores que participaram dos estudos de Vygotski adquiriram um olhar mais crítico sobre a proposta de inclusão, pois foram acrescentadas, aos seus conhecimentos, informações sobre um tema ainda obscuro para a comunidade docente. Através de suas falas constatou-se a importância de realizar momentos como este na escola, para a discussão da inclusão, suas concepções e suas práticas. É importante que os professores pensem na educação como um todo, conforme destaca Farfus (2008, p. 30):

A articulação entre os educadores é urgente, pois existe a necessidade de uma redefinição do papel do professor e de sua forma de atuar, no pensamento sistêmico. É necessário pensar na aprendizagem como um processo cooperativo e de transformação que proporcione a formação de alunos inseridos no mundo, e não mais em apenas uma comunidade local. Finalmente pensar na educação em relação aos aspectos da ética, da estética e da política; a educação fundamentada em um ideal democrático.

Na narrativa 4, o professor L salienta que:

Os cegos e os surdos são capazes de reproduzir todas as atividades e ter uma vida ativa, as atividades referentes à sua educação devem ser de acordo com outros sentidos que tenham desenvolvidos na falta daquele que eles apresentam deficiência, não que eles tenham falta deste sentido e no caso tem outro sentido mais aguçado, estudos comprovam que não é assim, que os surdos e cegos acabam por desenvolver outro sentido pela necessidade de comunicar-se com o mundo, reside aí a necessidade do empenho do convívio social para que tais deficiências sejam superadas, na escola deve haver busca para que na relação entre os alunos se tenham oportunidades de que todos aprendam, propondo atividades que contemplem o atendimento aos surdos e cegos. Os alunos especiais devem ser tratados de maneira iguais, aos ditos normais, buscando atividades alternativas quando necessário, que lhes beneficiem. Percebi através dos estudos a importância de discutir com os demais professores da escola, nossas práticas educativas. Hoje vejo, que os alunos especiais, não devem ser tratados de maneira diferente dos demais, chega de serem vistos como pobrezinhos e deixa-los num canto.

No questionário 11, o professor B fala que:

A realização da formação no local de trabalho de acordo com as necessidades do grupo teve-se a oportunidade de olhar para os nossos preconceitos em relação à deficiência e poder ampliar nossos horizontes, o curso foi muito bom, mas sugiro que tenha uma continuidade e que seja de acordo com a realidade dos alunos, das turmas.

A escola é um ambiente propício para oferecer condições para a criança superar seus limites e desafios. Na narrativa 2, o professor B comenta que:

Hoje vejo que minha prática educativa é muito importante e necessito rever minha maneira de ensinar, ver se realmente a escola está oportunizando aprendizagem para os alunos com necessidades educacionais especiais.

Um dos fatores para uma proposta inclusiva em sala de aula é que os professores mudem a visão de que o aluno com NEE é incapaz, para uma visão pautada nas possibilidades, elaborando atividades variadas, dando ênfase no respeito às diferenças e às inteligências. Conforme afirma Minetto (2008), para que isso seja possível:

O professor precisa organizar-se com antecedência, planejar com detalhes as atividades e registrar o que deu certo e depois rever de que modo as coisas poderiam ter sido melhores. É preciso olhar para o resultado alcançado e perceber o quanto “todos” os alunos estão se beneficiando das ações educativas (MINETTO, 2008, p. 101).

Os profissionais que buscam uma ação educativa devem estar atentos às diversidades de seus alunos, procurando exercer seu papel de maneira justa e solidária, pautado no respeito mútuo. Além disso, deve buscar ser eliminando todo e qualquer tipo de discriminação com o intuito de formar cidadãos conscientes para o convívio com as diferenças.

A análise realizada pelo professor I, no questionário 11, fala que

o tema inclusão é complexo, as deficiências são complexas, fica difícil dar um parecer, necessito de um estudo mais aprofundado. Preciso aprender mais sobre a inclusão destes alunos com NEE em sala de aula, dez encontros foram muito pouco, preciso que continue esta formação no ano que vem. Embora tenha dificuldade em trabalhar com minha aluna com autismo, estou tentando.

No relato sobre as trocas de experiências, presente no questionário 11, o professor K diz que:

O momento foi de troca e reflexões sobre a prática docente, onde podemos discutir sobre problemas tão presentes em nossas salas de aula, um tema que precisa ser discutido durante o próximo ano. Nossa escola mostrou que está aberta a novas mudanças, necessárias para que as crianças sejam incluídas realmente.

Na narrativa 4, o professor F diz que: Vygotski fala que é através do social, que o aluno consegue vencer suas dificuldades. Não é tão fácil incluir determinados alunos, que tem um comprometimento mais grave, mas cada caso é um caso.

Percebi que através dos estudos devo procurar ter a flexibilidade necessária para que os princípios e ações sejam pensados e

redefinidos de acordo com as situações enfrentadas na sala de aula. A inclusão é um processo que deveria ter mais envolvimento da família, escola e sociedade.

Na narrativa 4, o professor A comenta que:

Vygotski nos diz que o desenvolvimento da criança acontece dentro da linha social e que a mediação é individualmente importante, como recurso, para garantir a qualidade da experiência social e cultural da criança, e de essencial valor para equilibrar as limitações funcionais das crianças com deficiência, vê que o importante eles estarem no grupo.

A inclusão não é uma tarefa muito fácil e possível, em parte. A escola para ser inclusiva necessita de mais suporte da secretaria de saúde, com seus técnicos, e da família, coisa que ainda não se tem. A responsabilidade deve ser de todos, não apenas do professor. Colocam muitas expectativas de crescimento do aluno especial no professor. No questionário 11, o professor K argumenta que:

Vejo-me ainda necessitando de mais ajuda. Acho que é importante estudar, mas na prática, nos professores ficamos muito sós. Existem casos de crianças bem difíceis de lidar. Sempre há pontos a serem melhorados, e o tema é muito abrangente, por mais que se debata não se esgotará. Mas em geral muito bom. Hoje entrosamento e aprendizagem.

A formação propôs uma reflexão em ação coletiva, fizeram com que os professores repensassem a organização de suas atividades docentes, partindo em busca de práticas que sensibilizem e ajudem os alunos a participarem ativamente da construção de seus conhecimentos. Os professores sugeriram que os cursos de formação deveriam ser oportunizados sempre. Também destacaram que os estudos de Vygotski devem constar nos currículos da universidade para um melhor desenvolvimento do trabalho do professor na sala de aula.

Na narrativa 4, o professor B menciona que é necessário introduzir nos currículos da universidade os estudos da teoria de Vygotski, para introduzir, esta pedagogia que voltada para ajudar os professores a entenderem melhor a dinâmica de ensino para os alunos especiais.

Para Cortez (2003, p. 225),

[f]inalmente, há o reconstruir, que é o momento de encarar com maturidade e humildade que não estamos prontos e acabados, que estamos sempre em crescimento/mudança. É a fase de enxergar – sozinha e também com a ajuda dos participantes – que há lacunas em nossa prática que podem ser melhoradas/preenchidas, à medida que entendemos e aprendemos novas formas de agir.

A ação de reconstruir é a consciência de que o professor nunca está totalmente preparado em todos os aspectos que engloba sua missão. É reconhecer que a evolução de suas qualificações é de extrema relevância para a sua profissão. Os professores perceberam a importância de realizar a formação e reconstruir novos paradigmas para o desenvolvimento de seu trabalho.

Antes das atividades, os professores pensavam que os alunos com NEE não deveriam estar na escola regular, pois não conseguiam acompanhar a turma. Além disso, tratavam os alunos como coitadinhos, pobrezinhos e incapazes. Faziam atividades diferentes, que os colocavam de lado. Após as atividades formativas e os estudos realizados, os professores perceberam que os alunos eram discriminados e desrespeitados em seus direitos humanos e, a partir das reflexões realizadas e da tomada de consciência, mudaram suas posturas.

Através da tomada de consciência, os professores perceberam a importância do aluno com NEE estar na escola regular, juntamente com os demais. Também identificaram que é no social, através da interação com o meio, que ele aprende. Além disso, perceberam que devem ser oportunizadas a ele todas as atividades necessárias para seu desenvolvimento, tratando-o igual aos demais com relação à participação, aos limites e regras de convivência. Os textos de Vygotski auxiliaram para que os professores percebessem que era necessária uma mudança de postura em relação à maneira como viam e agiam com os alunos com NEE.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Relatório Crítico-Reflexivo é resultado de uma pesquisa que teve como objetivo discutir as concepções dos professores a respeito da educação de alunos com necessidades educacionais especiais à luz dos textos da primeira fase da defectologia de Vygotski. A metodologia utilizada para a realização deste estudo foi à pesquisa tipo intervenção pedagógica. Os sujeitos que participaram das ações foram 13 professores da E.M.E.F. Presidente João Goulart, localizada no município de Arroio Grande/RS. Estavam vinculados à direção, à supervisão, à orientação e às séries iniciais do turno da manhã. Foram realizados encontros de formação a partir dos estudos da defectologia de Vygotski. Os procedimentos técnicos utilizados para a coleta de dados foram às observações dos encontros, as narrativas e o questionário.

Dentro do processo de análise dos dados coletados, as discussões desencadearam algumas reflexões sobre esses achados da pesquisa, com base nas informações coletadas. Ficou evidente que a formação de professores é essencial para que a educação inclusiva ocorra de modo efetivo e adequado. Pode-se verificar, a partir da escuta dos professores, a necessidade da discussão do verdadeiro significado da inclusão, em sua dimensão teórica e prática. A diversidade das falas e saberes dos professores mostraram o que precisa ser trabalhado e mudado no cotidiano escolar para que os profissionais se apropriem do saber e tornem suas atividades mais próximas do que se deseja, a inclusão dos alunos com NEE.

Os dados obtidos apontaram que as formas de pensar das professoras sobre temas relacionados à inclusão escolar ainda estão em construção. Os resultados deste estudo contribuíram de alguma forma com as discussões atuais em torno da inclusão de alunos com NEE, na escola regular. As discussões em grupo foram realizadas através de roda de conversa, num momento agradável com lanche compartilhado. Todos se envolveram na hora de trazer o lanche, ficando uma refeição boa e diversificada. As histórias de vida, muito interessantes, também ajudaram na partilha das angústias, alegrias e experiências de sala de aula e da vida particular.

Os professores perceberam, por meio dos estudos da defectologia de Vygotski, que as concepções sobre inclusão podem determinar a ação deles no processo que envolve, principalmente, o aluno.

Avalia-se que o objetivo da pesquisa foi alcançado. Os dados que emergiram das observações, das narrativas e dos questionários permitiram compreender que através dos estudos foi possível alcançar a tomada de consciência, auxiliando na mudança de postura dos professores com os alunos com NEE.

Todo o processo que envolveu a pesquisa tipo intervenção pedagógica possibilitou a reflexão de que, enquanto pesquisadora, é possível ser mais atuante, e trazer as demandas reais das escolas para a universidade e assim, estabelecer um diálogo mais próximo e produtivo. É um processo bem complexo, tanto para a universidade como para o pesquisador, mas o processo de atuação de troca e mediação pode trazer benefícios para a universidade e também para a escola. A universidade estimula o pesquisador, orienta, dando suporte para atuar na sociedade.

A utilização das concepções de defectologia de Vygotski para a formação de professores auxilia na importância das relações humanas e, sobretudo, nas possibilidades de aprendizagem do sujeito que apresenta alguma deficiência. A defectologia de Vygotski pode ser útil como referencial teórico para as formações de professores. Através dos estudos realizados, percebeu-se que o aprendizado da compreensão do homem como um ser se forma em contato com a sociedade e que, na ausência do outro, o homem não se constrói homem. A formação se dá numa relação dialética entre o sujeito e a sociedade ao seu redor, ou seja, o homem modifica o ambiente e o ambiente modifica o homem.

Vygotski vê possibilidades no desenvolvimento da aprendizagem de pessoas com deficiência, valorizando as potencialidades de cada aluno. As possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem são ampliadas quando não se encerra o indivíduo às suas dificuldades. A criança cujo desenvolvimento está complicado pela deficiência, pode dizer que não é uma criança menos desenvolvida, mas que se desenvolve de maneira diferente, de acordo com o seu ritmo e potencial.

O professor tem um papel muito importante na educação dos alunos com NEE, na medida em que não é o déficit em si que traça o destino da criança; este é construído pelo modo como a deficiência é concebida, pelas formas de cuidado e educação que lhe são proporcionadas.

Vygotski vê possibilidades no desenvolvimento da aprendizagem de pessoas com deficiência ao apontar a necessidade de se valorizar as potencialidades, os processos compensatórios, desencadeados pela deficiência, enfatizando a capacidade em detrimento ao déficit.

A percepção que o sujeito tem acerca do deficiente pode interferir em seu desenvolvimento. As concepções prejudicam a inclusão quando os alunos são vistos como incapazes, devido condição orgânica apresentada ou qualquer outro acontecimento que contribua para a produção de estigmas. O deficiente precisa participar do processo de escolarização ativamente em todos os momentos.

O que os professores pensam sobre a inclusão dos alunos NEE acaba prejudicando o aluno de estar e ser bem atendido na escola regular. Ele deve ensinar os conteúdos do processo de escolarização e não apenas dar-lhes pequenas atividades empíricas ou dinamiquetas, privando de experiências de aprendizado e desenvolvimento a partir de vivências e interações.

Como professora de AEE e pesquisadora foi possível perceber a importância de fazer um trabalho próximo de minha realidade, proporcionando aos meus colegas a possibilidade de rever suas práticas e suas concepções sobre os alunos com NEE. Através das formações, os professores tiveram a oportunidade de estudar sobre o assunto a partir do embasamento teórico de Vygotski, o que possibilitou um enriquecimento do trabalho desenvolvido. Eles perceberam que a prática deve ser aliada a uma teoria que sustente a inclusão. Espera-se que este estudo sirva de inspiração e subsídio para mais pesquisas nos aspectos abordados e, mais ainda, colabore com o saber-fazer de professores que lidam com uma clientela diversificada na escola, como os alunos com NEE.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto) biográfica – tempo, memória e narrativas. *In*:ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **A Aventura (Auto) Biográfica – Teoria Empírica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 201-224.
- ALARCÃO, Isabel. **Professores Reflexivos em uma escola reflexiva**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BATISTA, Sylvia Helena Souza da Silva. Formação. *In*: FAZENDA, I. (org). **Interdisciplinaridade: um dicionário em construção**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 134.
- BARROCO, Sonia Mari Shima. **A Educação Especial do Novo Homem Soviético e a Psicologia de L. S. Vygotski: implicações e contribuições para a Psicologia e a Educação atuais**. 2007. Tese (Doutorado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2007.
- BEIN, E. S. et al. Epílogo. *In*: Vygotski, I. s. **Obras Escogidas: Fundamentos de defectologia**. Madrid: Visor, 1997. p. 365-380.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.
- BRASIL. **Diretrizes Nacionais para a educação especial na educação básica**. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2001.
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, SEEP; 2008.
- BRASIL. **Resolução Nº 4, de 2 de outubro de 2009**. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Brasília: CNE, 2009.
- BRASIL. **Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Brasília: CNE/CEB, 2010.

BRASIL. **Nota Técnica nº 11, de 07 de maio de 2010.** Orientações para a institucionalização da Oferta do Atendimento Educacional Especializado – AEE em Salas de Recursos Multifuncionais, implantadas nas escolas regulares. Brasília: SEESP/MEC, 2010.

BRASIL. **Declaração de Salamanca.** Brasília, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: Maio de 2019.

BRASIL. **Política para a educação e as diretrizes para o MEC.** Situação das metas do Plano Nacional de Educação (PNE). Brasília: MEC, 2019. Disponível em:

www.deolhonosplanos.org.br > Notícias > Entendendo Políticas Públicas. Acesso em: 25 maio 2019.

CARVALHO, Rosita Édler. **Educação Inclusiva: Com os Pingos nos “is”.** Porto Alegre: Mediação, 2004.

COSTAS, Fabiane Adela Tonetto; SELAU, Bento. On Fundamentos de defectologia and the development of Special Education teachers in Brazil. **Educação.** Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 401-410, set.-dez. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/31865/17618>. Acesso em: 06 mar. 2019.

COSTAS, Fabiane Adela Tonetto; TONINI, Andrea. Educação inclusiva: as contribuições de Vygotsky para a compreensão da diferença. *In:* FREITAS, Soraia Napoleão. (Org.) **Tendências contemporâneas de inclusão.** Santa Maria: Editora UFSM, 2008. p. 91-112.

CORTEZ, Cleide Diniz Coelho. Estudar...Aprender...Ensinar...Mudar...Transformar-se: Um processo contínuo. *In:* BARBARA, Leila; RAMOS, Rosinda de Castro Guerra. **Reflexão e ações no ensino-aprendizagem de línguas.** Campinas: Mercado de letras, 2003. p. 221-234.

DAMIANI, Magda Floriano *et al.* Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação,** Pelotas, n. 45, p. 57–67, jul./ago. 2013.

DAMIANI, Magda Floriano; PERES, Lucia Maria Vaz. Partilhar o alimento: a como prática colaborativa no entre-saberes do imaginário e da educação. *In:* Margerete May Berkenbrock - ROSITO; Leda Virginia Alves (org.). **O Sujeito na Educação e Saúde: desafios na contemporaneidade.** São Paulo: Loyola, 2007, v.1, p. 357-369.

FARFUS, Daniele. **Organização pedagógica, dos espaços educativos.** Disciplina: Organização Pedagógica Espaços Educativos do curso de Pedagogia EaD da FACINTER. Curitiba, 2009.

FERREIRA, Francisca Amélia Bezerra. **Psicologia, educação inclusiva e a perspectiva de Vygotski:** contribuições da defectologia para a formação do

- professor na contemporaneidade. 2012. 113f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GINDIS, Bóris. Remediação Através da Educação: Sociocultural Teoria e Crianças com Necessidades Especiais. In: KOZULIN, Alex. et al. **Teoria Educacional de Vygotsky no Contexto Cultural**. Novo York: Cambridge University Press, 2003. p. 200-221.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo demográfico 2015. Município de Arroio Grande-RS. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/arroio-grande>. Acesso em Março de 2019.
- IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002.
- LAKATOS, E, MARCONI, M.. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1999.
- LIMA, Natasha Alves Correia; ARAÚJO, Adéle Cristina Braga; MORAES, Betania. Problemas fundamentais da defectologia: aproximações preliminares à luz do legado de Vygotski. **Revista Eletrônica Arma da Crítica**, ano 2, n. especial, p. 48-60, dez. 2010.
- MINETTO, Maria de Fátima. **O currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio**. 2. ed. Curitiba: IBPEX, 2008.
- MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132003000200004&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 14 mai. 2019
- MOSQUERA, JUAN. **O professor como pessoa**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1978.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica**. São Paulo: Pioneira, 1997.

OLIVEIRA, Vera Barros de. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. **Docência na Educação Superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

PINHEIRO, Eliana Moreira; KAKEHASHI, Tereza Yoshiko; ANGELO, Margareth. O uso de filmagem em pesquisas qualitativas. **Rev. Latino-Americana em Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 5, p. 717-22, set./out. 2005.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotski: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

ROSSETTO, Elisabeth. Formação do professor do atendimento educacional especializado: a Educação Especial em questão. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 28, n. 51, p. 103-116, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>. Acesso em: 05 jan. 2019.

SFORNI, Marta Sueli de Faria, VIEIRA, Renata de Almeida. Ensinar e aprender: o acadêmico em atividade docente. **Educação**, Porto Alegre, v. 31, n. 3, p. 239-244, set./dez. 2008.

SELAU, Bentoda Silva Júnior. **Fatores associados à conclusão da Educação Superior por cegos: um estudo a partir de L. S. Vygotski**. 2013. 287 p. Tese (Doutorado em Educação)– Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

SELAU, Bento; DAMIANI, Magda Floriano. A conclusão da educação superior por cegos e a psicologia de Vygotski: a ponta do iceberg. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 861-879, set./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2016v34n3p861>. Acesso em: 24 ago. 2018.

SELAU, Bento; HAMMES, Lucio Jorge; DAMIANI, Magda Floriano. Direitos humanos e preconceito a cegos universitários brasileiros. **Revista Ibero americana de Educación (Online)**, v. 1, p. 103-116, 2015.

STETSENKO, Anna; SELAU, Bento. VYGOTSKY'S DEFECTOLOGY. **Educação**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 325-333, set.-dez. 2018. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/326>.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Conhecimento de Si, as Narrativas de Formação e o Estágio: reflexões teórico-metodológicas sobre uma abordagem experiencial de formação inicial de professores. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 387-418.

VALSINER, Jaan; VAN DER VEER, René. **Vygotsky**: uma síntese. São Paulo: Loyola, 1996.

VAN DER VEER, René; VALSINER, Jaan. **Vygotski**: uma síntese. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

VIANNA, Heraldo Marelím. **Pesquisa em Educação**: a observação. Brasília: Plano Editora, 2003.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras escogidas**. v.1. Madrid: Visor, 1991.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras Escogidas**: Tomo II. Madrid: Visor, 1993.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras Escogidas**: Fundamentos de Defectología. Madrid: Visor, 1997.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. Acerca de la psicología y la pedagogía de la defectividad infantil. *In*: VYGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras Escogidas**: Fundamentos de defectología. Madrid: Visor, 1997a.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. Principios de la educación de los niños físicamente deficientes. *In*: VYGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras Escogidas**: Fundamentos de defectología. Madrid: Visor, 1997b.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. Principios de la educación social de los niños sordomudos. *In*: VYGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras Escogidas**: Fundamentos de defectología. Madrid: Visor, 1997c.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. Los problemas fundamentales de la defectología contemporánea. *In*: VYGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras Escogidas**: Fundamentos de defectología. Madrid: Visor, 1997d.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. El defecto y la compensación. *In*: VYGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras Escogidas**: Fundamentos de defectología. Madrid: Visor, 1997e.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. Problemas Generales de La Defectología. *In*: VYGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras Escogidas**: Fundamentos de defectología. Madrid: Visor, 1997f.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de consentimento à escola

AUTORIZAÇÃO

Solicito à direção da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart a autorização para realização da pesquisa intitulada: As concepções dos professores a respeito da inclusão dos alunos com NEE: uma discussão em grupo, sob responsabilidade da professora Elis Regina da Silva Caetano com orientação do Professor Doutor Bento Selau da Silva Júnior, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pampa. Comprometemo-nos a seguir as normas e rotinas da escola, zelar pelo sigilo ético dos depoentes e dados obtidos da pesquisa. Haverá o compromisso de divulgação dos dados obtidos apenas em reuniões e publicações científicas com sigilo e resguardo ético da Instituição. Informo que a pesquisa será feita com os professores das series iniciais do ensino fundamental, turno da tarde, da referida escola serão convidados a participar da pesquisa mediante assinatura em termo de consentimento e assentimento.

_____ de 2018.

Prof.^a Elis Regina da Silva Caetano
Responsável pela Pesquisa

Ivana Gonçalves Rebhran
Direção da Escola

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido

Título do projeto: As concepções dos professores a respeito da inclusão dos alunos com NEE: uma discussão em grupo.

Pesquisador responsável: Dr. Bento Selau da Silva Júnior

Pesquisador participante: Elis Regina da Silva Caetano

Instituição: Universidade Federal do Pampa – Unipampa Campus Jaguarão

Telefone celular do pesquisador para contato (inclusive a cobrar): (53) 984319814.

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa que tem por título “As concepções dos professores a respeito da inclusão dos alunos com NEE: uma discussão em grupo”, cujo objetivo é discutir com os professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart as suas concepções a respeito da educação de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE) à luz da defectologia de Vygotski. Esta discussão ocorrerá por meio de encontros de convivência e partilha de alimentos. O foco desta intervenção será a formação de professores, através do levantamento de dados obtidos com os professores dos anos iniciais do ensino fundamental, na reunião do conselho de classe, constatou-se que os professores enfrentam muitas dificuldades com relação ao atendimento dos alunos NEE, necessitando de formação pedagógica.

Por meio deste documento e a qualquer tempo você poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar. Caso sinta-se desrespeitado em qualquer momento da pesquisa, poderá retirar seu consentimento ou interromper sua participação, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo. Suas informações serão muito importantes, para que ocorra o desenvolvimento da pesquisa, sobre este tema que é muito pertinente e necessário dentro da escola. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelo pesquisador como equipamento de entrevista e material a ser utilizado nos Grupos de Estudos. Seu nome e identidade serão mantidos em sigilo, e os dados da pesquisa serão armazenados pelo pesquisador responsável. Os resultados poderão ser divulgados em publicações científicas, encontros e seminários.

Ao final da pesquisa, os resultados serão informados ao grupo participante e a toda a comunidade escolar para que possa se apropriar dos dados concluídos.

Nome do Participante da Pesquisa / ou responsável

Assinatura do Participante da Pesquisa

Nome do Pesquisador

Responsável: _____

Assinatura do Pesquisador Responsável

Local e data

APÊNDICE C- Formulário de curso de extensão



Pró-Reitoria de Extensão
e Cultura (PROEXT)

FORMULÁRIO DE REGISTRO DE CURSOS E EVENTOS DE EXTENSÃO

1 DADOS DA PROPOSTA

Modalidade	<input checked="" type="checkbox"/> Curso <input type="checkbox"/> Evento		
Título	Defectologia de Vygotski aplicada à escola		
Data de início (dia/mês/ano)	14 / 08 / 18	Data de término	21 / 11 / 18
Coordenador	Nome	Bento Selau da Silva Júnior	
	E-mail	bentoselau@unipampa.edu.br	
	Telefone	53984143517	
Unidade do coordenador	Campus Jaguarão		
Município(s) de execução da ação	Arroio Grande		
Curso(s) de Graduação ou Pós-Graduação a que se vincula a ação	Programa de Pós-Graduação em Educação		
Proposta vinculada à programa de extensão	<input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim. Qual:		
Área do conhecimento principal (conforme classificação do CNPq)	Educação		
Área temática principal (conforme Política Nacional de Extensão)			
Carga horária semanal do projeto (calculada a partir da soma de todas as atividades que envolvem o projeto – do planejamento até a elaboração do relatório final)	60 h/sem	Carga horária EAD	5 h/sem
Palavras-chave (04 no máximo)	Defectologia; L. S. Vygotski; Educação Especial; Educação Inclusiva		

2 PROPOSTA

2.1 RESUMO DA PROPOSTA (300 palavras no máximo)

Trata-se de proposta de formação de professores da comunidade, preocupados com os estudos em Educação Especial e Educação Inclusiva. O curso propõe-se a estudar textos referentes a defectologia de L. S. Vygotski, especialmente voltado para a compreensão das ideias educativas esparsas nos textos de sua defectologia.

2.2 OBJETIVOS (300 palavras no máximo)

Estudar aspectos teóricos introdutórios da defectologia de L. S. Vygotski com professores da comunidade; Estabelecer um clima descontraído para o desenvolvimento dos estudos propostos, com base na prática da reunião-lanche; Auxiliar aos professores a construírem um relato autobiográfico referente à sua história de vida com o deficiente.

2.3 JUSTIFICATIVA (500 palavras no máximo)

A Educação Especial, que se volta para a Educação Inclusiva, revela-se uma temática que, para a escola (e universidade), ainda não é tranquila. A defectologia de Vygotski (1997) possui uma série de elementos teóricos que, se bem compreendidos, podem se constituir em aporte para o trabalho docente em Educação Especial. Para os momentos desta formação, pensa-se em utilizar a proposta de reuniões-lanche. Os momentos de formação em extensão não precisam ser momentos tensos. Nos encontros de formação, os professores serão estimulados a participar de cafés, como forma de confraternização e socialização, que dá o tom para todas as atividades desenvolvidas, com intuito de aprendizagem e integração. A ideia é a de que os professores comecem discutindo as práticas pedagógicas, realizando trocas de experiências, durante o café da tarde. A reunião-lanche tem como finalidade fornecer subsídios para a qualificação do professor, de maneira diferente com o lanche compartilhado. De acordo com Scruton, citado por Damiani e Peres (2007, p. 362),

[a]limentar, para os humanos, é diferente do alimentar para os animais. Ele argumenta que, para os primeiros, a comida pode ter função social e religiosa e o ato de alimentar-se pode se constituir um ritual primário de pertencimento. Assim, entendemos que o alimentar carrega consigo uma função simbólica. O comer, que passou a ser realizado em grupo, ajudou a nos humanizar, criando vínculos entre as pessoas. O homem civilizado come não apenas por fome, para satisfazer uma necessidade elementar do corpo, mas também para transformar esta ocasião em um ato de sociabilidade e de grande poder de comunicação.

A relação entre o partilhar o alimento e a formação pedagógica na escola será construída através de diálogos com teorias e reflexões, hipóteses para explicar o que emerge nos encontros e o que dele pode se abstrair. Através destes encontros, acredita-se

A Educação Especial, que se volta para a Educação Inclusiva, revela-se uma temática que, para a escola (e universidade), ainda não é tranquila. A defectologia de Vygotski (1997) possui uma série de elementos teóricos que, se bem compreendidos, podem se constituir em aporte para o trabalho docente em Educação Especial. Para os momentos desta formação, pensa-se em utilizar a proposta de reuniões-lanche. Os momentos de formação em extensão não precisam ser momentos tensos. Nos encontros de formação, os professores serão estimulados a participar de cafés, como forma de confraternização e socialização, que dá o tom para todas as atividades desenvolvidas, com intuito de aprendizagem e integração. A ideia é a de que os professores comecem discutindo as práticas pedagógicas, realizando trocas de experiências, durante o café da tarde. A reunião-lanche tem como finalidade fornecer subsídios para a qualificação do professor, de maneira diferente com o lanche compartilhado. De acordo com Scruton, citado por Damiani e Peres (2007, p. 362),

[a]limentar, para os humanos, é diferente do alimentar para os animais. Ele argumenta que, para os primeiros, a comida pode ter função social e religiosa e o ato de alimentar-se pode se constituir um ritual primário de pertencimento. Assim, entendemos que o alimentar carrega consigo uma função simbólica. O comer, que passou a ser realizado em grupo, ajudou a nos humanizar, criando vínculos entre as pessoas. O homem civilizado come não apenas por fome, para satisfazer uma necessidade elementar do corpo, mas também para transformar esta ocasião em um ato de sociabilidade e de grande poder de comunicação.

A relação entre o partilhar o alimento e a formação pedagógica na escola será construída através de diálogos com teorias e reflexões, hipóteses para explicar o que emerge nos encontros e o que dele pode se abstrair. Através destes encontros, acredita-se que o ato de compartilhamento pode ser capaz de resgatar elementos dos educadores, referentes à amizade, à igualdade, à união, ao respeito, diminuindo as diferenças e aproximando-os para que possam construir conhecimentos necessários para si e para o grupo. O comer junto, leva ao fortalecimento de laços afetivos, servindo como construção de aprendizagens, que auxiliarão os professores no desenvolvimento de suas atividades escolares.

Salienta-se que este projeto está ligado a um projeto de pesquisa mais amplo, cujo objetivo é investigar concepções teóricas, baseadas na defectologia de Vygotski, que possam subsidiar a realização de novas maneiras de organização do trabalho docente, fundamentalmente sobre a gestão da aprendizagem dos alunos no âmbito da educação inclusiva. Está vinculado ao PPGEdU da UNIPAMPA, tendo como registro na Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PROPPI) o número 06.003.16. Vincula-se ao Grupo de Pesquisa Educação Inclusiva e Defectologia de Vygotski, registrado no CNPq.

2.4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAMIANI, M. F.; PERES, L. M. V. Partilhar o alimento: a comensalidade como prática colaborativa no entre-saberes do imaginário e da educação. In: MORENO, L. V. (Org.). *O Sujeito na Educação e Saúde: desafios na contemporaneidade*. São Paulo: Loyola, 2007, v. 1, p. 357-369.

DANIELS, H.; COLE, M.; WERTSCH, J. *The Cambridge companion to Vygotsky*. Cambridge: Cambridge University, 2007.

DIACHKOV, A. I. *Diccionario de defectologia*. Ciudad de La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1982.

KOZULIN, A. *La psicología de Vygotski: biografía de unas ideas*. Madrid: Alianza, 1994.

VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. *Vygotsky: uma síntese*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

VYGOTSKI, L. S. *Obras Escogidas: Fundamentos de defectología*.

Madrid: Visor, 1997.

WERTSCH, J. V. *Vygotsky y la formación social de la mente*. Barcelona: Paidós, 1988.

2.5 OUTRAS INFORMAÇÕES RELEVANTES (não obrigatório; 200 palavras no máximo)

3 EQUIPE EXECUTORA (Adicionar quantas linhas for necessário)

Nome	Vínculo (Discente, Docente, TAE ou outro)	Campus/Reitoria ou Instituição de Origem	Função* (mesma a ser informada na planilha de certificados)	Carga Horária Semanal* *
Bento Selau da Silva Júnior	Docente	Jaguarão	Coordenador (a)	4h
Lúcio Jorge Hammes	Docente	Jaguarão	Co-coordenador (a)	4h

Elis Regina da Silva Caetano	Discente	Jaguarão	Equipe Executora	4h
------------------------------	----------	----------	------------------	----

* Palestrantes, Oficineiros, etc., não são considerados Equipe Executora, e sim Convidados. Devem, portanto, ser certificados juntamente com os Ouvintes na Planilha de Solicitação de Certificados.

** A carga horária semanal destinada ao projeto não pode ultrapassar 20h.

4 PARCERIAS OU INSTITUIÇÕES EXTERNAS ENVOLVIDAS (adicionar quantas linhas for necessário)

NOME INSTITUIÇÃO	DESCRIÇÃO DA PARTICIPAÇÃO
Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart	A escola irá ceder o local para a realização da extensão, bem como a alimentação para um dos dias da atividade

5 PÚBLICO ALVO

5.1 Comunidade acadêmica interna:

PERFIL	Nº estimado de participantes
Discente	
Docente	
TAE	
Terceirizado	
TOTAL	

5.2 Comunidade externa* (adicionar quantas linhas for necessário)

PERFIL	Nº estimado de participantes
Professores e gestores	13

*Exemplos: Profissionais da educação básica, Estudantes da educação básica, Profissionais da saúde, Profissionais da área cultural, Idosos, Crianças, Adolescentes, Famílias, Mulheres, Trabalhadores rurais, Indígenas, Pessoas com deficiências, Artesãos, Outros.

6 AVALIAÇÃO

FORMAS DE AVALIAÇÃO DA AÇÃO (300 palavras no máximo)
Pelo Público-alvo da Ação: Os participantes irão escrever um relato autobiográfico referente à sua história de vida com o deficiente. Ainda, irão realizar uma avaliação, no último encontro, sobre a sistemática dos encontros, destacando pontos positivos e negativos.
Pela Equipe Executora: Cada participante só receberá o certificado de participação se realizar o relato autobiográfico e participar de, no mínimo, 75% dos encontros.

7 CRONOGRAMA

PROGRAMAÇÃO PREVISTA (adicionar quantas linhas for necessário)
--

Ação: Planejamento da ação e submissão no sistema da Unipampa			
Data prevista 14/08/18	Carga horária prevista 4h	Local previsto Sala do PPGEduc	Membros da equipe executora envolvidos Bento Selau; Elis Regina; Lúcio Hammes

Ação: Divulgação e inscrições			
Data prevista Entre 22/08/18 e 11/09	Carga horária prevista 4h	Local previsto Escola Presidente João Goulart	Elis Regina

Ação: ENCONTRO 1: O que é e como produzir os relatos autobiográficos?			
Data prevista 12/09/18	Carga horária prevista 4h	Local previsto Escola Presidente João Goulart	Membros da equipe executora envolvidos Bento Selau; Elis Regina; Lúcio Hammes

Ação: ENCONTRO 2: Estudos sobre a defectologia de Vygotski			
Data prevista 19/09/18	Carga horária prevista 4h	Local previsto Escola Presidente João Goulart	Membros da equipe executora envolvidos Bento Selau; Elis Regina; Lúcio Hammes

Ação: ENCONTRO 3: Estudos sobre a defectologia de Vygotski			
Data prevista 26/09/18	Carga horária prevista 4h	Local previsto Escola Presidente João Goulart	Membros da equipe executora envolvidos Bento Selau; Elis Regina; Lúcio Hammes

Ação: ENCONTRO 4: Estudos sobre a defectologia de Vygotski			
Data prevista 03/10/18	Carga horária prevista 4h	Local previsto Escola Presidente João Goulart	Membros da equipe executora envolvidos Bento Selau; Elis Regina; Lúcio Hammes

Ação: ENCONTRO 5: Estudos sobre a defectologia de Vygotski			
Data prevista 10/10/18	Carga horária prevista 4h	Local previsto Escola Presidente João Goulart	Membros da equipe executora envolvidos Bento Selau; Elis Regina; Lúcio Hammes

Ação: ENCONTRO 6: Estudos sobre a defectologia de Vygotski			
Data prevista 17/10/18	Carga horária prevista 4h	Local previsto Escola Presidente João Goulart	Membros da equipe executora envolvidos Bento Selau; Elis Regina; Lúcio Hammes

Ação: ENCONTRO 7: Estudos sobre a defectologia de Vygotski			
Data prevista 24/10/18	Carga horária prevista 4h	Local previsto Escola Presidente João Goulart	Membros da equipe executora envolvidos Bento Selau; Elis Regina; Lúcio Hammes

Ação: ENCONTRO 8: Estudos sobre a defectologia de Vygotski			
Data prevista 31/09/18	Carga horária prevista 4h	Local previsto Escola Presidente João Goulart	Membros da equipe executora envolvidos Bento Selau; Elis Regina; Lúcio Hammes

Ação: ENCONTRO 9: Socialização das histórias de vida			
Data prevista 07/11/18	Carga horária prevista 4h	Local previsto Escola Presidente João Goulart	Membros da equipe executora envolvidos Bento Selau; Elis Regina; Lúcio Hammes

Ação: ENCONTRO 10: Avaliação do curso			
Data prevista 14/11/18	Carga horária prevista 4h	Local previsto Escola Presidente João Goulart	Membros da equipe executora envolvidos Bento Selau; Elis Regina; Lúcio Hammes

Ação: Sistematização das avaliações; submissão de relatório			
Data prevista 21/11/18	Carga horária prevista 4h	Local previsto Sala do PPGEdu	Membros da equipe executora envolvidos Bento Selau; Elis Regina; Lúcio Hammes

APÊNDICE D - Avaliação-questionário

	Suj. 1	Suj. 2	Suj. 3	Suj. 4	Suj. 5	Suj. 6	Suj. 7	Suj. 8	Suj. 9	Suj. 10	Suj. 11	Suj. 12	Suj. 13
1. Divulgação.													
2. Programação.													
3. Inscrição.													
4. Recepção.													
5. Tema(s) abordado(s).													
6. Desempenho do(s) ministrante(s)/debatetores(s).													
7. Atualidade das informações recebidas.													
8. Adequação das instalações.													
9. Organização geral.													
10. Atendimento das expectativas.													

NOTAS:

1= FRACO;

2= MÉDIO;

3= BOM;

4= EXCELENTE.